

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE
GÊNERO

NICOLE SIMONE FLESCH DOBERSTEIN

O RELACIONAMENTO HOMOSSEXUAL SOB A PERSPECTIVA
HETERONORMATIVA

Porto Alegre

2011

NICOLE SIMONE FLESCH DOBERSTEIN

O RELACIONAMENTO HOMOSSEXUAL SOB A PERSPECTIVA
HETERONORMATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero pelo Curso de especialização Educação, Sexualidade e Relações de Gênero pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS - Faculdade de educação

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

A família que tanto amo, especialmente minha mãe Karen e minha irmã Melina, que são as pessoas que estão sempre presentes e me apoiando em tudo nesta vida.

A todas as pessoas do GEERGE, em especial ao meu querido orientador de TCC Fernando Seffner.

Ao meu amigo Maurício Goulart da Silva, pois juntos penamos na firma e no TCC da Pós Graduação...

As minhas amigas Marta e Ina...

A minha amiga e teacher Dani Senger...

Aos meus amigos André e Fabrício...

Aos amores que tive e que tenho...com certeza todos eles só me fizeram e fazem crescer como mulher....

A minha felina e fiel filha Roseta.

Ao meu time de futsal ABSOLUTAS e as peladas entre amigas.

Enfim, a todos aqueles que fazem parte da minha história de vida, com certeza a Nicole que sou hoje é fruto de todas as aprendizagens que tivemos juntos.

*“Vou ser feliz, sem me importar com o que isso irá causar aos outros.
O importante é que não estou fazendo mal a ninguém, pelo contrário,
estou apenas enterrando as impurezas e toxinas da minha vida e deixando brotar
uma bela e frutífera árvore”*

Caio F. Abreu

RESUMO

Historicamente vivemos sob uma divisão de papéis sexuais em nossa sociedade, sociedade esta onde a norma heterossexual prevalece.

O presente estudo tem como objetivo abordar sobre os relacionamentos homossexuais que seguidamente costumam ser enquadrados no modelo heteronormativo vigente, para a maioria das pessoas, mesmo em um relacionamento entre dois homens, acredita-se que um deles cumpra um papel feminino enquanto o outro cumpra um papel masculino.

Desta maneira, para a realização do estudo foram realizadas entrevistas com homossexuais masculinos que estejam dentro de uma relação afetiva ou que possuam algum histórico de relacionamento a fim de visualizar como podem ser estes relacionamentos dentro da intimidade do casal.

Palavras-chave: Heteronormatividade; Homossexualidade; Heterossexualidade; Homoconjugalidade.

ABSTRACT

Historically, we have been experiencing a sexual division of roles in our society, and in such society the heterosexual norm prevails.

The present study aims to address gay relationships that are often framed in the current hetero-normative model. Most people, even when regarding a relationship between two men, believe that one of them plays the female role, while the other plays the male role

Thus, in order to accomplish this study, interviews were conducted with gay men who are in a love relationship or have a history of relationships in order to view how these relationships can be in the couple's intimacy.

Keywords: Heteronormativity; Homosexuality; Heterosexuality; Homoconjugality

SUMARIO

INTRODUÇÃO	7
CAPITULO 1: SOBRE GÊNERO, A HETERONORMATIVIDADE E OS RELACIONAMENTOS HOMOSSEXUAIS	9
1.1 A HETERONORMATIVIDADE	10
1.2 OS RELACIONAMENTOS HOMOSSEXUAIS	11
1.3 O RELACIONAMENTO HOMOSSEXUAL E A PERSPECTIVA HETERONORMATIVA.....	14
CAPITULO 2: A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA	17
2.1 A DIVISÃO DE PAPÉIS.....	18
2.2 A HOMOCONJUGALIDADE	20
2.2.1 As relações amorosas x promiscuidade	21
CAPITULO 3: A PESQUISA	23
3.1 A METODOLOGIA	23
3.2 O ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	24
3.3 AS ENTREVISTAS.....	24
3.3.1 Caracterização dos respondentes	25
3.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	25
3.4.1 A duração dos relacionamentos	26
3.4.2 Como se conheceram	26
3.4.3 A vida financeira.....	26
3.4.4 A união dos casais	27
3.4.5 A divisão das tarefas.....	27
3.4.6 Os papéis sexuais	29
3.4.7 Estereótipos.....	31
3.4.8 Homem ou mulher da casa?.....	32
3.4.9 O preconceito	33
3.4.10 A sociedade	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
APENDICES	40

INTRODUÇÃO

Tratar sobre assuntos de gênero sempre foi importante em minha vida, eu como bicho fêmea na sociedade nunca me conformei com a maneira como nós mulheres somos tratadas e com o lugar social historicamente conferido para nós.

Sou a filha mais velha entre três irmãos, cresci em uma família de pai caminhoneiro e mãe do lar, onde enquanto o pai trabalhava na rua e só voltava nos finais de semana a mãe ficava exclusivamente cuidando da casa e dos filhos. Por este motivo, sempre quis ajudar minha mãe, me sentia com a responsabilidade de realizar tarefas que as vezes deveriam ser cumpridas pelo meu pai, limpar o carro, carregar pesos de um lado para o outro ou simplesmente impor a ordem para os outros dois irmãos. Lembro também que na infância nunca gostei de ficar em casa, gostava mesmo é da rua, brincar de pega - pega, subir em árvores, jogar futebol, andar de skate e brinquedos de aventura, brincar de casinha ou de bonecas nunca foi minha praia, acho que eu me recusava a reafirmar para mim o papel de subordinação da mulher ao homem que eu via dentro de minha própria casa.

Possuo diversas histórias que trago junto comigo por causa desta nossa cultura machista, diversas vezes fui confundida com menino por jogar futebol e andar com os moleques da rua, recordo também que no início dos anos 90 eu tinha um cabelo enorme e resolvi radicalmente cortar ele curto durante o verão, no meu retorno ao ano letivo, quando estava voltando da aula para casa fui atacada por dois garotos com pedaços de pau, pois segundo eles eu estava querendo virar menino.

Hoje sou uma mulher adulta e dona do meu nariz, conheço todas as regras impostas como as de papel feminino e luto contra todas elas diariamente, mas, ainda assim sofro por ser mulher, ser mulher é travar uma batalha diária contra o preconceito, precisamos sempre ouvir piadinhas e provar a todo momento que somos mais do que “um pedaço de carne suculento” a ser devorado. Hoje estou formada em sociologia, continuo jogando futebol e trabalho como técnica em química em uma refinaria de petróleo onde a maioria dos funcionários é homem e o machismo é muito forte, portanto, a luta nunca termina.

A especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero apareceu como uma forma de continuar meus estudos na área de gênero, visto que o trabalho de conclusão em minha graduação também foi nesta área, e como uma forma de me

dar mais argumento e embasamento para eu continuar a minha luta por um mundo onde haja mais respeito a todas as diversidades.

O tema desta monografia: “O relacionamento homossexual sob a perspectiva heteronormativa” surgiu muito pela histórica divisão de papéis sexuais em nossa sociedade onde a norma heterossexual prevalece, mas, visualizei que tal heteronormatividade é muitas vezes aplicadas até mesmo em relacionamentos homossexuais, onde as pessoas em sua maioria acreditam que mesmo em um relacionamento entre dois homens, um deles cumpra um papel da mulher enquanto o outro cumpra um papel de homem.

Sendo assim, para a realização do mesmo foram realizadas entrevistas com homossexuais masculinos que estejam dentro de uma relação ou que possuam algum histórico de relacionamento a fim de visualizar como realmente são estes relacionamentos dentro da intimidade do casal.

Desta forma, o estudo foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo é abordado mesmo que superficialmente sobre gênero e a construção cultural de homens e mulheres, para então ser abordado o tema heteronormatividade, ou seja, a norma vigente que dita que o “ser heterossexual” é o comportamento correto em nossa sociedade. Em seguida, serão tratados os relacionamentos homossexuais em geral e como são vistos hoje estes relacionamentos em nossa sociedade para então, adentrarmos no assunto dos relacionamentos homossexuais e a perspectiva heteronormativa, abordando sobre os estereótipos que são conferidos aos sujeitos homossexuais e o hábito que as pessoas têm de tentar enquadrar até mesmo os relacionamentos homossexuais que são ditos fora da norma segundo a norma heterossexual.

O segundo capítulo trata sobre a homossexualidade masculina e a homoconjugalidade, passando por assuntos como relações amorosas x promiscuidade e a divisão de papéis dentro da relação.

No capítulo terceiro é apresentada a pesquisa, a metodologia utilizada, as pessoas entrevistadas e os resultados obtidos. Logo em seguida são realizadas as análises dos dados e as considerações finais do estudo.

CAPITULO 1: SOBRE GÊNERO, A HETERONORMATIVIDADE E OS RELACIONAMENTOS HOMOSSEXUAIS

Ninguém nasce mulher: Torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora este produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

Eis a clássica frase de Simone de Beauvoir (1980, p. 09), uma das precursoras dos estudos feministas e de gênero; frase que hoje, sendo analisada sob uma perspectiva pós-estruturalista demonstra que todos os processos e práticas sociais e culturais constroem não apenas as mulheres, mas sim os homens também.

Nesta perspectiva pós-estruturalista, o conceito de gênero demonstra que homens e mulheres, todos são frutos de uma construção cultural. Esta construção cultural é quem estabelece a relação dos seres com o mundo, seus comportamentos, atitudes e o seu modo de ser, assumir-se e representar-se no mundo.

Segundo Judith Butler em *Cuerpos que importam* (2002), ser homem ou mulher é uma construção cultural, tal construção cultural é o resultado de normas que estruturam as práticas sociais e atuam de forma muito incisiva e potente sobre os corpos das pessoas.

Segundo Beauvoir (1980, p. 22), a mulher passa por um conflito entre sua existência autônoma e seu “ser – outro”, pois desde pequena ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar e fazer-se objeto, renunciando sua autonomia. Ao homem em contrapartida (p. 21), é ensinado que sua existência deve ser de um livre movimento para o mundo, que seu corpo é um meio de dominar a natureza e é um instrumento de luta, devendo orgulhar-se de seus músculos, de sua força e de seu sexo.

Desta forma, além da construção do ser homem ou ser mulher, também as relações são construídas e as performances que os indivíduos têm nas relações são construídas. Desde pequenos meninos e meninas aprendem como devem se comportar, para cada um deles é designada determinadas tarefas seja em casa ou na escola, meninas executam tarefas femininas e meninos executam tarefas masculinas, meninas brincam de boneca enquanto garotos brincam de bola. Sendo

assim, tais crianças crescem achando natural tais divisões de papéis, e este modelo acaba sendo repetido durante toda a vida, inclusive depois, na vida em conjunto com algum companheiro ou companheira.

1.1 A HETERONORMATIVIDADE

Historicamente, temos o homem branco, ocidental, classe média e heterossexual como o “normal” na sociedade, o conceito de heteronormatividade, como o nome já diz também faz parte desta norma e significa que ser heterossexual é o normal, que o padrão de sexualidade a ser seguido é aquele em que homem apenas se relaciona com mulheres e as mulheres com os homens, onde todas as outras formas de viver a sexualidade são consideradas como marginais e anormais.

Segundo Ferreira apud Santos (2007, p.01) “Hetero” advém do grego e significa ‘outro’, ‘diferente’, portanto, quando nos referimos ao sexo falamos em “heterossexual” para designar aqueles/as que têm “afinidade, atração e/ou comportamentos sexuais entre indivíduos de sexo diferente”. Já quando falamos em norma estamos nos referindo àquilo “que se estabelece como base ou medida para a realização ou a avaliação de alguma coisa”; diz respeito também à conduta, modelo, padrão; bem como ao “tipo concreto ou fórmula abstrata do que deve ser em tudo o que admite um juízo de valor.”

Desta maneira, segundo Louro apud Santos (2007, p. 03) “[...] a heterossexualidade tem sido marcada como normal, natural, compulsória, algo que se encontra prescrito na “viagem” que um corpo que nasce como macho ou fêmea deverá realizar ao longo de sua vida [...]”. Portanto, a genitália é quem deve ditar naturalmente em que direção o desejo sexual de alguém por outra pessoa deverá acontecer, e este desejo naturalmente deverá sempre ser por alguém do sexo oposto.

Mas, tal desejo natural nem sempre acontece, e desta maneira, Segundo Louro (2009, p.89), como forma de garantir a continuidade da norma

são engendradas múltiplas estratégias nas mais distintas instâncias. Através de estratégias e táticas aparentes ou sutis reafirma-se o principio de que os seres humanos nascem como macho ou fêmea e que seu sexo – definido sem hesitação em uma dessas duas categorias – vai indicar um de dois gêneros possíveis – masculino ou feminino – e conduzirá a uma única forma normal de desejo, que é o desejo pelo sujeito de sexo/gênero oposto ao seu.

Tais instâncias citadas por Louro podem ser vistas em diversificadas instituições sociais durante o nosso dia a dia, são eles na família e a forma como os filhos são criados, tendo o caminho da heterossexualidade constantemente apontado e reforçado através de frases clichês como por exemplo: “homem não chora” ou “isto é coisa de maricas!! Você quer ser maricas??”. Tais frases criam na criança um medo ou uma repulsa por tudo que possa colocar a prova a sua sexualidade, no sexo masculino isto pode-se ver claramente tanto na infância quanto na fase adulta, os mesmo ficam a todo o momento tentando provar a sua masculinidade .

Outros casos são nas escolas que geralmente não sabem lidar com o diferente e acabam sempre reafirmando a norma heterossexual, na igreja que repudia qualquer forma de viver ou se relacionar que não sejam aquelas entre macho e fêmea, na mídia que segue apenas reproduzindo o dito “normal”, ou até mesmo na lei, que segue sem ter a sua constituição reescrita e segue considerando apenas os relacionamentos heterossexuais como plenos de direitos.

A norma heterossexual, a disciplinarização da prática sexual dentro de padrões delimitados por valores morais historicamente datados é o instrumento político de dominação; além de tornar-se instituição normatizadora, a heterossexualidade adquire caráter de verdade, de sexo e sexualidade verdadeiros. (NAVARRO SWAIN, 2007, p. 15-16)

1.2 OS RELACIONAMENTOS HOMOSSEXUAIS

“A norma pode e é subvertida” (LOURO, 2009, p.91). Com esta frase, Louro quer dizer que todos os dias, em todos os lugares, homens e mulheres desafiam a norma heteronormativa ao embaralharem os códigos de gênero e ultrapassarem as suas fronteiras articulando de formas distintas sexo, gênero e sexualidade.

Os relacionamentos homossexuais e principalmente as relações efetivas entre homens sempre existiram, desde os tempos dos gregos, mas, nestes outros períodos históricos estas relações eram vividas de modos diferentes e não recebiam tal denominação. Segundo Louro (2009, p. 88), a denominação homossexual foi criada ao final do século XIX, tal denominação foi criada por homens, médicos, moralistas, filósofos e pensadores europeus da época que tinham como intenção colocar ordem na sociedade classificando assim sujeitos e práticas sexuais sob o

ponto de vista da saúde, da moral e da higiene. Desta maneira, foram constituídas normas que definiam tudo aquilo que era julgado saudável e bom.

Para Louro (2009, p.88) “[...] tais discursos, carregados da autoridade da ciência, gozavam do estatuto de verdade e se confrontavam ou se combinavam com os discursos da igreja, da moral e da lei [...].” Desta forma, as mulheres passaram a ser concebidas como tendo uma sexualidade ambígua e perigosa, e, aqueles que se relacionassem sexualmente com pessoas do mesmo sexo que o seu estariam recorrendo também em uma grande falha merecedora de punição. Sendo assim, após ter sido estabelecido o comportamento desviante na sociedade e criado o termo homossexual, foi que se criou o termo heterossexual, como forma de nomear também o comportamento que de agora em diante passava a ser a referência na sociedade.

Graças a este modelo criado de referência é que historicamente a homossexualidade é um tabu até hoje em nossa sociedade, historicamente os relacionamentos homossexuais são camuflados, escondidos ou até evitados pelas pessoas, pois tal comportamento estará indo contra a norma heterossexual vigente.

Nos últimos anos, algumas mudanças têm ocorrido socialmente, a população homossexual passou a se mostrar mais e lutar de frente contra os preconceitos enraizados na sociedade, esta “batida” de frente contra a norma heterossexual estabelecida vem trazendo entre a sociedade intensos debates e manifestações pró ou contra os relacionamentos homossexuais, pois, ao mesmo tempo em que os gays lutam contra a norma que considera apenas homem e mulher como sendo o tipo certo de relação, eles também tentam se enquadrar nesta norma, buscando o direito de poderem casar ou até mesmo adotar um filho.

Tais debates tem se refletido especialmente na política e no judiciário, onde cada vez mais os homossexuais têm recorrido à justiça em busca de seus direitos, algumas vezes com sucesso, já outras, sem sucesso, esbarrando na lei do país que ainda não cita uniões homossexuais em sua constituição, por este motivo, todas as conquistas dos homossexuais, seja no plano político ou judiciário ficam a critério do bom senso de quem esta tratando do assunto, o que acaba muitas vezes se transformando em critérios puramente ideológicos e/ou religiosos.

Segundo Jimena Furlani (2007 p.55), “[...] essas mudanças foram proporcionadas especialmente, pelas contribuições oriundas de movimentos políticos da contestação da dita ‘normalidade’ [...]” (Geralmente movimentos LGBT,

feministas e movimentos raciais e étnicos). Estas diversas manifestações destes grupos passaram a explicitar suas falas em torno das diversas representações negativas atribuídas a eles, fazendo com que assuntos antes tidos como “anormais” passassem a ser questionados e resignificados em nossa sociedade,

Vemos nos dias de hoje uma parte da população que aceita naturalmente os relacionamentos homossexuais, mas, ao mesmo tempo, outra parte da população que não aceita de forma alguma a homossexualidade, segundo eles este tipo de relação fere as leis de moral, bons costumes e ainda acaba com a idéia de família.

Segundo Giddens, “[...] os homossexuais ainda enfrentam um preconceito profundamente enraizado e, muito comumente, uma violência aberta [...]” (1993, p.23). Graças a esta parcela preconceituosa e homofóbica da população que abomina os relacionamentos homossexuais, convivemos hoje diariamente com noticiários em todos os meios de comunicação tratando sobre a violência sofrida pela população homossexual, tudo isto graças ao preconceito.

Segundo o site CLICK SERGIPE¹, dados levantados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) mostram que no ano de 2010 foram contabilizados 260 homicídios no Brasil por crime de homofobia. Tais dados não são oficiais, pois o Ministério da Justiça não realiza esta coleta, mas, ainda assim estes dados são recolhidos através da imprensa pelas entidades e grupos interessados no assunto que repassam a informação para o GGB.

Conforme o GGB, o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos motivados por homofobia, tendo em segundo lugar o México com 35, e em terceiro os Estados Unidos, com 25.

Segundo o site, tais dados parecem ser o reflexo da pesquisa divulgada pelo Ibope em julho de 2011, segundo a pesquisa os homens são mais homofóbicos que as mulheres, assim como pessoas com menos acesso a informação e escolaridade e ainda pessoas na faixa etária de 50 anos para cima.

¹ CLICK SERGIPE. **Pernambuco lidera crimes por homofobia no Nordeste; Sergipe é o 8º.** Disponível em: <<http://clicksergipe.com.br/blog.asp?postagem=38114&tipo=cidade>>. Acesso em 08/09/2011.

1.3 O RELACIONAMENTO HOMOSSEXUAL E A PERSPECTIVA HETERONORMATIVA

Ao mesmo tempo em que os homossexuais seguem lutando e conquistando seus espaços na sociedade, ainda assim, é inegável que a norma vigente permanece sendo a heterossexista. Tal sistema ainda é tão enraizado que até mesmo os relacionamentos homossexuais costumam ser enquadrados em tal norma. Desta maneira, os próprios homossexuais tentam a sua maneira ir se enquadrando na norma, é fato que a relação jamais será igual, visto que na homoconjugalidade temos duas pessoas do mesmo sexo se relacionando, e a norma diz que o padrão seriam duas pessoas de sexo oposto. Mas no fundo, a luta dos homossexuais é para ter os mesmos direitos dos heterossexuais em suas relações, ou seja, casar, criar filhos juntos, poder construir patrimônio em conjunto, poder dividir e usufruir de plano de saúde e aposentadoria junto com o companheiro.

Segundo Paiva (2007, p.42). “[...] o casamento é o próprio desejo de ‘estar com’, a vontade de dividir, é a cumplicidade conquistada, é a amizade construída, o casamento são as intensidades, são os fluxos de desejo. Não há nada além disto [...]”. O desejo dos casais homossexuais é este, poder viver naturalmente, feliz e com plenos direitos, assim como qualquer outro casal heterossexual. Isto é fato.

Mas, o verdadeiro ponto ao qual quero chegar e problematizar no que diz respeito ao enquadramento de casais homossexuais na norma heterossexista mora na suposta divisão de papéis dos casais, e tal fato pode ser muito bem observado quando se ouve dizer sobre casais de homossexuais que “Fulano” é o homem da relação e “Beltrano” é a mulher da relação.

De fato, nossa sociedade é extremamente generificada e papéis são atribuídos dentro de um relacionamento, historicamente a mulher foi criada para a subordinação e passividade, suas tarefas eram cuidar do lar, satisfazer aos desejos do marido e reproduzir, ao homem eram designadas as tarefas ditas de “natureza masculina”, nesta natureza, o homem deveria agir sempre com racionalidade, agressividade, objetividade, a ele ficava incumbida a tarefa de trabalhar fora, longe do ambiente e dos afazeres do lar.

Segundo Ribeiro e Soares (2008, p.40)

A sociedade em que vivemos ainda se caracteriza por relações de dominação, e nela a sexualidade, atitudes, comportamentos e sujeitos específicos são designados a partir do sexo primordial, o do homem. O regime masculino, que se estabeleceu ao longo dos anos, vem ditando a

posição e os papéis de homens e mulheres, cujos valores e padrões de comportamento também são legitimados e consagrados nas práticas escolares.

Tais características, que por mais que estejam mudando com o decorrer dos anos graças a “libertação da mulher”, ainda são o modelo vigente na maioria dos relacionamentos heterossexuais.

As relações conjugais heterossexuais em sua grande maioria possuem um comportamento esperado para as mulheres e um para os homens, é a divisão dos papéis entre femininos e masculinos, com a clássica idéia de que as mulheres cuidam mais das coisas do lar visto que possuem o “dom natural” para o cuidado enquanto os homens tenham o dom para tarefas de força e racionalidade, portanto, seu lugar não seria no lar. Esta divisão de tarefas geralmente ocorre naturalmente nos casamentos, visto que são modelos aprendidos desde a infância em todas as esferas da sociedade, seja na família, na escola ou na mídia. Por conta de tal modelo heterossexista, a sociedade em geral acaba supondo que este modelo seja aplicado também aos relacionamentos que se encontram fora da norma, como é o caso dos relacionamentos homossexuais.

É senso comum entre a sociedade, quando se trata de homossexualidade e relacionamentos homossexuais a idéia de que o gay ou a lésbica carregam junto de si o estereótipo geralmente mais feminino no caso dos gays e mais masculino no caso das lésbicas, juntamente a isto aparece a idéia de atividade e passividade dentro de uma relação e, conseqüentemente a idéia de papéis masculinos e femininos, mesmo que o casal seja formado por pessoas do mesmo sexo, não existindo assim, como acontece nos relacionamentos heterossexuais, a figura do macho e da fêmea.

Navarro Swain (2007, p.10) relata sobre as mulheres, “[...] as conotações que acompanham o epíteto lésbica são sempre negativas: mulher macho, Paraíba, mulher feia, mal amada, desprezada. As imagens revelam assim ou uma caricatura de homem ou uma mulher frustrada [...]”.

Já sobre os estereótipos masculinos, diz Foucault em seu livro História da sexualidade 2 que

nos textos do século XIX existe um perfil – tipo do homossexual ou do invertido: seus gestos, sua postura, a maneira pela qual ele se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões de seu rosto, sua

anatomia, a morfologia feminina de todo o seu corpo fazem, regularmente, parte dessa descrição desqualificadora. (2007, p.21)

Desta maneira, através das frases citadas é possível observar que desde séculos atrás este modelo que desqualifica e estereotipa os homossexuais já vinha sendo construído, a criação de tais estereótipos permanece fortemente em nossa cultura até os dias de hoje.

Foucault também disserta sobre atividade, passividade e papéis sexuais, para isto baseia-se em Aristóteles, segundo Foucault (2007, p.44) “[...] A prática dos prazeres diz respeito, igualmente, a uma outra variável que poderia chamar de ‘papéis’ ou de ‘polaridade [...]’”.

Refere-se também “ao papel dito ‘masculino’ na relação sexual, e a função ‘ativa’ definida pela penetração. E, inversamente, pode-se empregá-lo em sua forma passiva; nesse caso, ele (Aristóteles) designa o outro papel da conjunção sexual: o papel ‘passivo’ do parceiro objeto. Esse papel é o papel que a natureza reservou as mulheres”. (2007, p.45)

Aristóteles viveu entre 384 a.C e 322 a.C, portanto, é possível observar que desde a muitos tempos as idéias sobre ativo e passivo relacionando a penetração como o papel do macho já estão presentes no pensamento da humanidade, tais pensamentos permanecem até hoje. Por estes motivos são que a sociedade possui muita dificuldade em entender uma relação entre dois machos ou duas fêmeas, como a cultura nos diz que necessariamente em um relacionamento um executa o papel de ativo e outro de passivo, da mesma maneira, a sociedade supõe e generaliza que tal modelo seja aplicado inclusive aos relacionamentos homossexuais.

Ou seja, o velho modelo heterossexual segue sendo repetido a séculos.

CAPITULO 2: A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA

Homossexual é a pessoa que se relaciona sexual e afetivamente com alguém do mesmo sexo que o seu, no caso da homossexualidade masculina, teremos então dois homens se relacionando entre si.

Quando pisamos nossos pés e resolvemos tratar sobre homossexualidades em geral e principalmente a homossexualidade masculina com certeza estamos adentrando em terrenos cheios de barreiras. Em se tratando das relações gays masculinas a situação fica ainda mais crítica, pois ao contrário de relacionamentos lésbicos que costumeiramente são fetiches para muitos homens, uma relação entre dois homens trás a tona com muito mais vigor questões como preconceitos, masculinidades e papéis de gênero, questões estas puramente de criação e manutenção de preconceitos que culturalmente existem em nossa sociedade.

Sabe-se que em nossa sociedade existem milhares de homossexuais, mas, a visibilidade principalmente das relações masculinas é muito abafada justamente por causa do preconceito. A maior visibilidade que se tem de homossexuais masculinos é a que é vista geralmente em paradas gays, aquelas “bichas” montadas e escandalosas que mais parecem palhaços ou aqueles homens sarados seminus apenas de sunga que dão a impressão de que uma relação entre homens existiria somente por causa do sexo.

Existe também a visão das novelas, estas dificilmente apresentam a temática homossexual, e quando apresentam, geralmente o que vemos são gays caricatos que funcionam mais como o cara que faz rir, este geralmente é muito bem aceito pela sociedade, pois faz o papel de palhaço da trama. Já casais gays, que vivem uma vida em conjunto, que desejam construir uma família, este tipo de relação pouco é mostrado, e quando é apresentado geralmente nunca é mostrado com a mesma naturalidade como se apresentam casais heterossexuais, isto é bem claro pois a impressão que se tem são que gays de novela são assexuados, nem mesmo beijos na boca eles trocam.

Ao mesmo tempo em que vemos as leis protegendo cada vez mais as relações homossexuais, o movimento anti homossexuais também é muito grande e parte principalmente das igrejas que com seu poder utilizam palavras duras para atacar e inferiorizar os homossexuais como pessoas que seriam impuras ou do

demônio. Sabe-se que as igrejas possuem muito poder hoje em nossa sociedade, o poder é tão grande que elas conseguem eleger diversos políticos em todas as instâncias do governo com o intuito de levar a estes governos os princípios de moral e família.

Sendo assim, a invisibilidade da homossexualidade já é uma coisa institucionalizada, por estes motivos a própria sociedade não se encontra preparada para a visualização das homossexualidades, o preconceito nas pessoas é tão grande e internalizado que os próprios homossexuais evitam muitas vezes se mostrarem publicamente por medo de retaliações, preconceitos ou violência.

2.1. A DIVISÃO DE PAPÉIS

Devido a nossa cultura, existem diferenças na visão entre homossexualidade no Brasil em relação a homossexualidade da Europa ou dos Estados Unidos. No Brasil, principalmente devido a nossa cultura extremamente generificada e machista os homossexuais são divididos geralmente em duas categorias, a do homem (ativo) e a bicha (passiva). Segundo Nunan (2007, p.63) esta divisão é característica das culturas latinas e “[...] contrapõe-se aos modelos norte-americanos e europeu, em que qualquer pessoa que tenha relações sexuais com um membro do mesmo sexo biológico é considerada homossexual, independente de adotar uma postura ativa ou passiva na relação sexual [...]”.

Em seu livro “Devassos no paraíso” Trevisan (2007, p.87) diz que “[...] o machão come a bicha sem que por isto se sinta rebaixado a condição de bicha , nem muito menos se envolva emocionalmente, para o machão, o mais importante é o papel ativo desempenhado na relação [...]”.

Tal maneira de caracterizar a homossexualidade no Brasil demonstra o quanto é forte a divisão de papéis de gênero em nossa cultura, uma divisão machista que continua a valorizar apenas o papel sexual ativo do macho homem que penetra, onde os demais papéis, o da mulher ou o da “bicha” passiva são rebaixados a um segundo plano. Para Trevisan (2007, p.87) “no Brasil, não se tolera uma homossexualidade vivida de maneira aberta e livre de imposições de papéis sexuais [...]”.

O fato é que, ainda que exista este tipo de idéia no Brasil graças ao histórico preconceito, pesquisas têm apresentados muitos resultados contraditórios nestas áreas, para Nunan (2007, p.62-63): “[...] estudos postulam que não existe a divisão

entre homossexuais ativos e passivos [...]”, para Green (2000) apud Garcia (2007), “[...] o modelo ativo/passivo vai cedendo lugar a um modelo baseado na interação sexual entre homens em que tais papéis são flexíveis [...]” (p.281), esta transformação segundo Green estaria ocorrendo principalmente pelo crescimento das grandes cidade e o crescimento das comunidades gays que estão vindo para elas a fim de fugir das pequenas cidades onde o preconceito é mais exacerbado.

Nunan (2007, p.61), diz também sobre a divisão de papéis que “[...] é incomum na sociedade contemporânea, ao contrário do que sugere o preconceito, que um gay se comporte tradicionalmente como o marido (papel de gênero masculino) e o outro como a esposa (papel de gênero feminino) [...]” isto porque, por ser um relacionamento homossexual existiria mais igualdade dentro da relação.

Segundo Simon (1996) apud Nunan (2007) devido a ausência de validação social, religiosa e legal, assim como a falta de modelos de relações homossexuais para serem utilizados como espelho, sujeitos gays tendem a criar suas próprias normas conjugais (p.60).

Tal falta de modelos para se espelhar geralmente gera efeitos positivos, pois devido a esta falta de expectativas sociais com relação aos casais gays, os mesmo acabam ficando livres para experimentarem e desenvolverem papéis flexíveis que se adequem as suas necessidades individuais e relacionais (MCWHIRTEN & MATTISON (1984) apud NUNAN (2007, p.61)).

Mackey e cols. (1997) apud Nunan (2007) percebeu que freqüentemente em relações com casais gays a divisão de papéis se dava geralmente conforme a característica da personalidade de cada um dos sujeitos, seus interesses por determinadas atividades, habilidades individuais ou até mesmo disponibilidade por seus horários de trabalho. Foi apontado também que tais papéis não se mostraram estáticos, podendo ser negociados, e transformados ao longo do tempo conforme as características interpessoais fossem se transformando durante a relação (p.61).

Segundo Ossana (2000) apud Nunan (2007, p. 61) “[...] adultos homossexuais tendem a se conformar menos com papéis de gênero tradicionais do que casais heterossexuais [...]”. Mas, a falta de modelos apontada acima nem sempre gera apenas efeitos positivos, devido a falta da mesma, as vezes torna-se mais fácil a utilização do modelo de relação hegemônico, por isto, casais homossexuais acabam se utilizando dos exemplos oferecidos por relacionamentos heterossexuais em suas relações. Da mesma forma, segundo Driggs & Finn (1990) apud Nunan (2007, p. 61)

“[...] a ausência de parâmetros pode causar conflitos no que se refere a negociar responsabilidades financeiras ou doméstica [...].

Certamente estes dois tipos de relações existem, seja com divisão ou não de papéis, o que não se pode de maneira alguma é generalizar estas idéias e utilizá-las como regra, por isto, tal assunto de divisão de papéis em homossexuais masculinos será abordado posteriormente neste trabalho quando forem avaliadas as entrevistas com homens homossexuais.

2.2. A HOMOCONJUGALIDADE

A homoconjugalidade ou, a “união” entre homossexuais é um fenômeno que tem se intensificado nos dias de hoje, a tempos tais fenômenos já existem, mas apenas agora é que estão se intensificando pois aos poucos os homossexuais estão conseguindo se impor na sociedade e aos poucos estão perdendo o medo de se mostrarem para o mundo.

A constituição brasileira ainda não reconhece em seu código os relacionamentos e uniões homossexuais, mas, nos últimos anos diversos casais estão recorrendo à justiça e ganhando o direito de poderem ter uma relação registrada e reconhecida como oficial e com direitos iguais ao relacionamento heterossexuais. A última e maior de todas as conquistas tidas pelos homossexuais se deu neste ano de 2011, quando o STF reconheceu por unanimidade a união homoafetiva, desta forma, deverão ser aplicadas as relações homossexuais as mesmas regras da união estável heterossexual. Segundo o site JUSBRASIL², “[...] A Corte não relacionou os direitos que decorrem da decisão. Mas, por analogia, os gays poderão pleitear, por exemplo, a declaração conjunta de Imposto de Renda, pensão em caso de morte ou separação, partilha de bens e herança. A pessoa só precisa comprovar que integra uma convivência pública, contínua e duradoura, como diz a lei [...]”.

Mesmo assim, as uniões homossexuais ainda são vistas com muito preconceito por grande parcela da sociedade, tais relações ainda são alvo de julgamentos e muitas idéias senso comum são repetidas a seu respeito. Exemplo

² JUSBRASIL. **Contra a discriminação, a lei: STF reconhece, por unanimidade, união homoafetiva.** Disponível em:<<http://amp-mg.jusbrasil.com.br/noticias/2675111/contra-a-discriminacao-a-lei-stf-reconhece-por-unanimidade-uniao-homoafetiva>>. Acesso em 08/09/2011.

dessa idéias são por exemplo a idéia de que os relacionamentos entre dois homens não durem pois os homens na verdade só estão interessados em sexo sem compromisso, ou, como já mencionado anteriormente, a idéia de que nos relacionamentos homossexuais alguém sempre execute um papel masculino e o outro um papel feminino.

2.2.1. As relações amorosas x promiscuidade

A maioria das pessoas (independente da orientação sexual) deseja relações amorosas estáveis em que possam obter afeto, companheirismo, intimidade e amor, poucas se contentariam apenas com relacionamentos sexuais casuais. (NUNAN, 2007, p.48)

Mas, como em nossa sociedade ainda prevalece a idéia do homem e a rua, e a idéia de que enquanto as mulheres são fiéis e os homens agindo por instinto sexual são promíscuos e sempre acabam pulando a cerca, a idéia de um relacionamento amoroso entre homens parece se tornar inconcebível.

Tal idéia é desmentida por Nunan (2007), segundo ela existem pesquisas americanas que dizem que 39% dos gays entrevistados coabitam com seus parceiros, já com os homens heterossexuais entrevistados este percentual de coabitar com a parceira sobe para 44%. Portanto, a diferença é pouca.

Disse ela também, que ao comparar casais com mais de 15 anos de relação, independente de orientação sexual, foi observado que as características valorizadas e que fazem o relacionamento se tornar duradouro são as mesmas para ambos os tipos de relação, são elas: confiança, respeito, compromisso, lealdade, flexibilidade, complementaridade, semelhança de valores, comunicação e entendimento das necessidades do parceiro.

No entanto, Nunan diz também que apesar de os casais gays coabitarem por longos períodos de tempo juntos, este tempo se comparado com relacionamentos heterossexuais possui um número menor de anos. Este fato seria decorrente de diversos motivos, dentre eles estariam a dificuldade de assumir e manter o relacionamento homossexual perante a sociedade, no momento em que o sujeito assume seu relacionamento estará também assumindo a sua homossexualidade, ao passo de que o sujeito que não assume seus relacionamentos pode manter sua suposta heterossexualidade perante a sociedade e viver livre de preconceitos.

Outro fato apontado seria o de que casais homossexuais não são unidos por nenhum tipo de contrato legal ou até mesmo religioso, o que os une é apenas a afeição e a atração, sendo assim mais fácil fica a sua dissolução quando estas se acabam. Já para casais heterossexuais, mesmo em um casamento que conta com total validação social, geralmente a separação é mais difícil por conta de motivos religiosos, filhos, pressão familiar, motivos financeiros, sendo que muitas vezes relacionamentos já fracassados acabam sendo mantidos na tentativa de não quebrar uma estrutura familiar já estabelecida.

Sobre a promiscuidade e monogamia em casais homossexuais, de acordo com pesquisas de Johnson & Keren (1996); Peplau & Gordon (1991) apud Nunan (2007,p.58), “[...] casais homossexuais masculinos são marcadamente menos monógamos em seus relacionamentos do que casais heterossexuais ou de lésbicas [...]”isto porque, segundo Feres Carneiro (1999); Nunan (2007) apud Nunan “[...] gays masculinos tendem a diferenciar os conceitos de fidelidade amorosa (que é sempre considerada uma traição) e fidelidade sexual (que não é, necessariamente considerada uma traição) [...]”.(2007,p.58)

Desta forma, por mais que os gays tendam a fazer sexo fora do relacionamento, quando este não signifique envolvimento emocional, o mesmo pode ser aceito normalmente dentro da união, pois segundo Mackey (1997) apud Nunan “[...] apenas a fidelidade amorosa mostrou-se importante para a manutenção dos relacionamentos, porque indicava confiança e lealdade [...]” (2007, p.58), tal disponibilidade emocional do sujeito em ajudar o parceiro não estaria ligado a monogamia e sim a outros valores mais importantes.

CAPITULO 3: A PESQUISA

Vivemos em uma sociedade generificada, onde ainda são atribuídos posições para homens e mulheres tanto na vida em sociedade quanto na vida sexual. Para as mulheres é atribuído o papel de cuidado e passividade, já ao homem o papel de força e virilidade.

Cresci em uma família com esta divisão de papéis, com um pai caminhoneiro que trabalhava fora a semana inteira e uma mãe que ficava apenas em casa cuidando exclusivamente do lar e dos filhos. Desde pequena também não gostava de ficar dentro de casa, gostava de brincar na rua, com liberdade, brincadeiras de boneca ou de casinha não me atraíam, acredito hoje que esta era uma maneira de eu não assumir para mim o mesmo papel de sujeição da mulher que eu via dentro de minha própria casa.

A norma heterossexual ainda prevalece em nossa sociedade até os dias de hoje, a idéia deste estudo surgiu quando observei que como se não bastasse a histórica divisão de papéis e posições entre feminino e masculino em casamentos heterossexuais, a sociedade usualmente reproduz a idéia de que existam posições masculinas e femininas também dentro de um relacionamento homossexual, sejam elas posições sexuais como também posições na vida cotidiana e divisão de tarefas dentro da vida do casal. Desta forma, o objetivo principal deste estudo é investigar a existência destas posições definidas dentro de relacionamentos homossexuais.

Este capítulo visa apresentar primeiramente a metodologia utilizada para a pesquisa, apresentando brevemente a técnica utilizada para a coleta de dados, a caracterização dos respondentes e como foram as entrevistas, a apresentação e breve discussão dos dados coletados.

3.1. A METODOLOGIA

Para atingir o objetivo deste estudo optou-se por um dos métodos da pesquisa qualitativa, o estudo de caso. Segundo Yin (2005), entrevistas são fontes essenciais para o estudo de caso, pois revelam informações que, quando analisadas, dão uma visão mais aproximada entre a teoria e a prática.

Gil (1999, p. 62) afirma que o estudo de caso é caracterizado pela análise em profundidade de um objeto ou de um grupo de objetos que podem ser individuais ou

organizacionais. Através do conhecimento da organização ou indivíduo no estudo de caso, podem ser levantadas hipóteses sobre como o fenômeno ocorre no geral. O estudo de caso é bastante apropriado em pesquisas exploratórias e não apropriado para estudos explicativos, já que não se podem generalizar os resultados encontrados nesse estudo.

Sendo assim, este estudo se realizou por meio de entrevistas com quatro homens gays. Foi elaborado um roteiro de perguntas para nortear a entrevista, mas, como as entrevistas não poderiam se tornar engessadas, conforme assuntos que fugiam do roteiro surgiram os entrevistados não foram podados em suas falas, sendo permitido que a entrevista fluísse normalmente.

3.2. O ROTEIRO DE ENTREVISTA

O roteiro de perguntas da entrevista (em anexo) consta de 22 perguntas, inicialmente tratando de informações sobre o relacionamento que o entrevistado possui (ou possuía) com o seu parceiro de relação, tempo que estão juntos, como se conheceram, idade, escolaridade de cada um do casal entre outras perguntas. Após, as perguntas partem para a vida conjunta e mais íntima do casal, passando desde como é (ou era) a divisão das tarefas em casa até o fato de existirem ou não papéis definidos na vida sexual do casal e qual a importância disto dentro do relacionamento, para enfim, a entrevista partir para o assunto preconceito e o como é ser gay em nossa sociedade.

3.3. AS ENTREVISTAS

As entrevistas utilizadas neste trabalho foram realizadas com quatro rapazes gays do meu círculo de amizades. Optei por entrevistar pessoas do meu círculo de relações pois assim eles se sentiriam mais a vontade para responder perguntas que em alguns momentos tratariam de intimidade.

Como forma de preservar a identidade dos informantes, os nomes dos quatro rapazes foram trocados por outros nomes fictícios.

As entrevistas foram realizadas entre o final do mês de maio e início do mês de setembro de 2011, todas foram gravadas e posteriormente transcritas literalmente, as mesmas encontram-se em anexo.

Todas as quatro entrevistas foram realizadas em conversas tranquilas e sem problemas, todos os rapazes se sentiram muito a vontade em todos os momentos

para tratar de assuntos que para outras pessoas poderiam se mostrar cercados de pudores.

3.3.1. Caracterização dos respondentes

Segundo já descrito anteriormente, os nomes dos entrevistados foram trocados como forma de manter o sigilo de suas identidades. A descrição dos entrevistados do quadro abaixo estão na ordem da data de realização das entrevistas, Fabiano em 21/05/11, Paulo em 29/06/11, Alexandre em 21/07/11 e Marco em 03/09/11.

Identificação	Descrição das características dos respondentes
Fabiano	29 anos, mora junto com seu companheiro George de 31 anos com quem namora a 5 anos e meio. Escolaridade: Técnico em administração.
Paulo	24 anos, mora com a mãe e namora o Alexandre de 28 anos a 2 anos e meio ou 3 anos. Escolaridade: Ensino médio completo e técnico em andamento.
Alexandre	28 anos, mora sozinho e namora o Paulo de 24 anos a 2 anos e meio ou 3 anos. Falou também de seu relacionamento anterior com o Altamir com quem namorou por 4 anos e morou junto por 2 anos. Escolaridade: Superior incompleto.
Marco	25 anos, mora com os pais e namora um rapaz de 27 anos a 2 anos. Escolaridade: Pós graduação em andamento.

3.4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Inicialmente, cabe salientar que por mais que o título deste trabalho seja “O relacionamento homossexual sob a perspectiva heteronormativa”, tais dados referem-se a relacionamentos entre casais homossexuais masculinos, tais dados também não podem ser generalizados a todos os relacionamentos homossexuais masculinos, visto que tais informações referem-se apenas a uma determinada amostra de entrevistados.

Avaliando os dados coletados nas entrevistas, algumas informações significativas relacionadas ao tema deste trabalho podem ser observadas, segue a apresentação dos dados:

Todos os quatro informantes possuem faixa etária que varia entre os 24 e 29 anos de idade. Dos 4 entrevistados, um deles, o Alexandre falou a respeito de dois relacionamentos, o seu atual com o entrevistado Paulo e com Altamir, namorado de um relacionamento anterior com quem morou junto por dois anos, portanto, teremos um caso em particular no trabalho, um dos entrevistados falando sobre duas experiências suas.

Das experiências apresentadas no estudo, apenas duas delas foram de “casamento”, ou seja, onde o casal coabitava junto na mesma casa. As outras eram apenas de namoro, onde os sujeitos da relação apenas freqüentavam a casa um do outro, sem coabitarem juntos.

3.4.1. A duração dos relacionamentos

Os relacionamentos mais duradouros foram justamente aqueles onde houve casamento, como é o caso de Fabiano que possui um relacionamento de quase 6 anos e Alexandre, que quando esteve com Altamir, teve um relacionamento que durou cerca de 4 anos. Todos os demais relacionamentos variam entre 2 e 3 anos.

3.4.2. Como se conheceram

Fato interessante é sobre como os casais se conheceram, esta informação apenas não foi mencionada no caso de Alexandre e Altamir, mas nos outros casos, apenas Fabiano conheceu seu atual parceiro em uma balada, Paulo e Alexandre se conheceram pelo chat do Terra, assim como Marco, que conheceu seu parceiro pelo site de relacionamento MANHUNT.

3.4.3. A vida financeira

Sobre a vida financeira dos casais aqui temos algumas informações interessantes, Alexandre sempre trabalhou, seja no relacionamento com Altamir ou com Paulo. O ex de Alexandre, Altamir também trabalhava e estava cursando faculdade, mas recebia bem menos do que Alexandre. Marco também trabalha, é concursado, mas seu namorado apenas faz alguns “bicos” e vive de mesada de seus pais, ele ainda não trabalha, é formado em Direito e está se dedicando apenas

em estudar para passar em algum concurso público na área do direito. Paulo também não trabalha e vive de mesada de sua mãe, esta terminando o curso técnico profissionalizante. Fabiano também não possui renda fixa, faz alguns “bicos” e tem estudado para alguns concursos públicos, atualmente vive sendo sustentado pelo seu namorado George, que é pós graduado e gerente de banco.

3.4.4. A união dos casais

Sobre a união dos casais, Fabiano que vive com George depende dele financeiramente, eles são o único casal entrevistado que possui conta conjunta, teoricamente não possuem bens juntos, todos os bens estão no nome de George, mas, por morarem juntos a anos, possuem conta conjuntas, por Fabiano estar no plano de saúde de George, teoricamente eles podem ser caracterizados como possuindo uma união estável. Alexandre e Altamir também não possuíam bens juntos, exceto alguns móveis como cama e armário, o apartamento em que viviam também era alugado, segundo fala do próprio Alexandre: “[...] a gente vivia os dois com o dinheiro dos dois entendeu, não fazia diferença assim, o meu dinheiro do dele [...]”. Desta maneira, por mais que um recebesse mais e o outro menos, isto não fazia diferença, pois eles apenas faziam aquilo que era possível de ser feito para ambos dentro do seu orçamento. Os demais relacionamentos, como já citado anteriormente, são de namoros “ditos normais”, com um visitando a casa do outro aos finais de semana, e durante a semana também fazendo programas juntos.

3.4.5. A divisão das tarefas

A divisão das tarefas em casa é um assunto que deve ser aprofundado, pois cada entrevistado contou algumas particularidades a este respeito. Fabiano, disse que faz 98% das tarefas domésticas, e que por ser quase que totalmente dependente financeiramente de George, e, conforme ele mesmo diz, se sente na obrigação de cumprir tais tarefas. “[...] Como atualmente eu não estou trabalhando né, eu acho que o mínimo que eu tenho que fazer são as tarefas domésticas, com certeza [...]”.

Ainda assim, Fabiano diz que “[...] mesmo eu estando trabalhando fora, o George não faz (as tarefas domésticas), até porque ele não sabe entende, ele realmente não faz. Paga empregada, faxineira, que vem, mas no normal ele não faz nada [...]”. Desta forma, fica claro que em se tratando de divisão de tarefas

domésticas, existem papéis bem definidos dentro desta relação, com um assumindo o papel de “homem da casa”, saindo para a rua, trazendo o dinheiro, e não colaborando em nada nas tarefas do lar, até porque, o próprio Fabiano parece afirmar que a natureza de George é assim, quando ele diz que: “[...] ele não sabe entende [...]”.

Alexandre e Altamir também possuem uma história curiosa, pois ambos trabalhavam fora a fim de trazer o dinheiro, mas, segundo Alexandre era ele quem executava mais as tarefas domésticas do dia a dia na casa, isto porque, segundo ele, mesmo trabalhando mais ele ficava mais tempo em casa, e por este motivo assumia as tarefas. Ao mesmo tempo, Alexandre conta que pelo menos uma vez por semana era feita uma faxina geral na casa, e que daí todas as tarefas eram divididas: “[...] uma vez por semana, tipo assim, a gente fazia uma faxina maior assim e daí era perfeitamente, igualmente dividido [...]”. (Alexandre). Segundo ele, a divisão de tarefas da faxina era geralmente conforme o gosto de cada um, “[...] era mais assim o que a gente escolhia, o que cada um gostava de fazer, tipo eu sempre odiei limpar o banheiro e ele gostava, então ele limpava o banheiro... e eu limpava a cozinha porque eu sempre gostei de mandar na cozinha, gostava de cozinhar [...]” (Alexandre). Ainda assim, um fato é interessante na relação dos dois, segundo o próprio Alexandre, assim como foi dito por Fabiano sobre George, Altamir tinha mais dificuldades para realizar as tarefas do lar, “[...] ele não conseguia ou não sabia [...]”, segundo Alexandre, ele as vezes se sentia a mulher da casa, pois executava mais as tarefas, mas, ao mesmo tempo se sentia o homem da casa, pois “[...] por exemplo pra coisas de força o Altamir não conseguia, ele era muito fraco, era menor, mais magro que eu, daí as vezes tinha que levantar alguma coisa, fazer não sei o que e ele não conseguia, não se candidatava [...]” (Alexandre).

Desta forma, vemos que havia uma tentativa de divisão de tarefas igualmente em casa para que nenhum assumisse papéis, mas, no final das contas Alexandre é quem acabava assumindo mais todas as tarefas, tanto as masculinas quanto as femininas, isto devido principalmente a falta de habilidade de Altamir para a execução destas tarefas, e também por conta da rotina diária, onde Alexandre estava por mais tempo em casa e por isto acabava realizando-as.

Já na relação entre Alexandre e Paulo, devido ao fato de eles não morarem juntos, a divisão parece ficar mais fácil e simples, segundo Alexandre cada um executa mais as tarefas do lar em suas casas, Alexandre executa mais quando

estão na casa dele, e Paulo executa mais quando estão na casa de Paulo. Segundo Alexandre: “[...] quando a gente tá na casa dele (Paulo) ele faz mais as coisas e quando estamos na minha casa eu faço mais [...]”. Paulo fez afirmações parecidas, apenas disse que Alexandre não gosta de realizar as tarefas do lar e chamou Alexandre de preguiçoso em um momento: “[...] Alexandre não gosta, às vezes quando eu vou lá eu faço porque o apartamento dele é menor que o meu aqui. Mas eu faço aqui em casa também, na casa dele as vezes eu faço porque ele não gosta de fazer mesmo. Faço para ele porque eu não vejo problema, mas ele não gosta [...]” ou “[...] Ele tem preguiça.. aí eu vou lá e faço pra ele, até porque eu faço mais rápido também, lavar a louça, varrer as vezes [...]”(Paulo).

Desta forma, o casal parece ter um acordo, cada um faz mais as coisas em suas respectivas casas, mas, ainda assim, isto não significa que não existe a solidariedade e que cada um não se ajude mutuamente mesmo estando um na casa do outro.

Quanto ao relacionamento de Marco, geralmente ele passa os finais de semana e alguns dias durante a semana na casa do namorado, quando Marco foi perguntado se executava alguma tarefa doméstica na casa do namorado ele respondeu o seguinte, rindo e gritando: “[...] Ele é que faz tudo ora!! [...]”, mas, logo voltou a falar sério, e disse que gosta de cozinhar de vez em quando, disse também o seguinte: “[...] lavar a louça é algo que definitivamente eu não faço. Eu arrumo a cama muitas vezes [...]”. Afirmou também que quando o namorado está limpando a casa e precisa de alguma ajuda ele passa um paninho no chão ou coisa do tipo, mas, que isto é esporádico, pois segundo a fala de Marco: “[...] Eu sou uma divaaa [...]”. Desta forma, por morar sozinho, o namorado de Marco parece assumir todas as tarefas domésticas de sua casa, sem necessariamente depender de Marco, o que não significa que quando solicitado Marco não dê uma ajuda a seu companheiro.

3.4.6. Os papéis sexuais

Os papéis sexuais, assim como a divisão de tarefas em casa é um dos pontos chaves deste estudo, pois ambos tratam justamente do assunto papéis masculinos e/ou femininos dentro do relacionamento homossexual masculino.

Todas as falas dos entrevistados possuem informações bem interessantes e importantes a serem avaliadas.

Quando perguntado sobre a existência de papéis sexuais dentro da relação Fabiano foi rápido na resposta: “[...] Sim, ele é ativo e eu sou passivo[...]”. Questionei se isto era sempre, e ele respondeu: “[...] Sempre. Ativo ele. Eu sou versátil, mas, na nossa relação, como ele é só ativo então eu sou só passivo com ele [...]”. Insisti perguntando se ele não gostaria de ser ativo, visto que ele se considera versátil, ele respondeu que não era fundamental, pois o mais importante para ele é estar satisfeito sexualmente, para ele, o sexo equivale a uns 40% ou 50% da relação, o outro percentual é muito relativo ao companheirismo, portanto, se o parceiro se diz apenas ativo, e ele (Fabiano) se encontra satisfeito na relação mesmo sendo só passivo, isto era o mais importante.

Vemos aí claramente uma divisão de papéis sexuais entre ativo e passivo na relação entre Fabiano e George.

Na relação entre Alexandre e Altamir, Alexandre também se diz versátil, mas, ainda assim também parece existir esta certa divisão de papéis sexuais na relação, segundo Alexandre era um acordo meio tácito, pois Altamir se mostrava ativo na maior parte do tempo, mas, segundo ele, quando eles fossem falar desta questão não levavam isto em conta, não faziam divisões de papéis. Alexandre disse que Altamir tentou por algumas vezes ser passivo, mas não dava certo, parecia não relaxar, até que ambos acabaram desistindo da idéia. Mas, Alexandre frisou um certo ponto em sua entrevista, disse que muitas vezes esta história de ativo e passivo não vem ao caso, pois muitas vezes rolava sexo sem penetração, apenas com masturbação e sexo oral pois, segundo Alexandre, “[...] se você for perguntar para os gays o que significa ser ativo é isto [...]”, se referindo a penetração.

Desta forma, podemos ver também nesta relação uma divisão de papéis sexuais, mas, não algo tão estabelecido como o exemplo de Fabiano e George que se diz exclusivamente ativo. No caso de Alexandre e Altamiro, sexo com penetração nem sempre era fundamental pois rolava muito sexo sem penetração. Mas, nas vezes em que havia penetração, os papéis já se tornavam mais definidos, pois Altamir não conseguia ser passivo por mais que tivesse tentado.

No relacionamento entre Alexandre e Paulo ambos se dizem totalmente versáteis, segundo Alexandre: “[...] A gente não sabe assim, somos tanto ativos quanto passivos [...]”. Paulo também conta o seguinte: “[...] Não, não temos papéis definidos... tem dias que eu quero ser passivo, tem dias que eu quero ser ativo [...]”.

Desta forma, fica bem claro que ambos possuem uma relação bem igualitária, com o sexo rolando sem divisões de papéis.

Marco também foi perguntado sobre a definição de papéis dentro da relação, a sua resposta foi a seguinte: “[...] Hummm... Não definidos, às vezes a gente troca, mas mais eu sou passivo do que ele [...]”. Segundo Marco, seu parceiro geralmente é mais ativo na relação, segundo ele, é uma preferência dos dois na relação, mas, isto não impede que as vezes eles resolvam trocar os papéis, tal troca acontece naturalmente. Falou também sobre a importância dos papéis na relação: “[...] Eu acho que esta fixação dos papéis em só ativo ou só passivo talvez me incomodasse, mas, eu acho que prefiro pessoas que sejam assim mais maleáveis, ainda que tendam a ser mais uma coisa do que outra. Mas, acho que só uma coisa ou outra eu enjoaria depois [...]”.

Marco falou também a respeito da penetração, que a penetração não é fundamental para ele em um ato sexual, segundo ele: “[...] Eu prefiro o resto todo envolvido do que propriamente a penetração [...]”.

Desta forma, Marco e seu namorado também tem suas preferências sexuais, mas, tal papel sexual não é estabelecido e fixo, são realmente apenas preferências que conforme suas vontades podem ser trocadas tranquilamente, ambos conseguem transitar entre a atividade e a passividade na hora da transa tranquilamente.

3.4.7. Estereótipos

Na entrevista também abordamos o assunto estereótipo, se o entrevistado na hora de procurar alguém para se relacionar procurava baseado principalmente em algum estereótipo de aparência física ou de comportamento, se os ditos estereótipos mais masculinos ou mais femininos eram levados em conta na hora desta procura.

Segundo Fabiano, “[...] no normal todo mundo tem um estereótipo... se eu to numa festa, o que vai me chamar a atenção é um cara mais velho [...]”, logo ele falou que na verdade tudo é uma questão de a pessoa não se colocar rótulos, de oportunizar conhecer as pessoas, que ao conhecer a pessoa é possível se ter um relacionamento mesmo com a pessoa não tendo o seu estereótipo. Perguntei para ele sobre se ele estivesse em uma festa, e lá tivesse um homem mais velho, mas, daqueles assim bem afeminados, ele me contou que a princípio não se sentiria atraído, e me relatou o caso de um amante que teve, ele se aproximou do rapaz em

uma festa por ele ter o estereótipo bem masculino, mas quando viu “[...] ele era um tanto afeminado, e eu, aquilo meio que na hora me broxou um pouco, mas, aí depois ficamos, e conversamos, e acabamos ficando um ano e 8 meses juntos [...]”.

Para Paulo, estereótipos não tem importância.

Já Alexandre diz o seguinte: “[...] em geral não me atraem muito os estereótipos muito femininos, então talvez desse pra dizer que eu procuro estereótipos mais masculinos [...]”. Segundo ele, na verdade ele não procura por estereótipos, mas, no fundo ele já possui alguns padrões que não o atraem, que seriam, aqueles caras que tiram a sobrancelha, ou que vão a manicure. “[...] ai tenho pavor...as unhas bonitas com base sabe...rsss...mas também, acho que depende, vai que um dia eu ache alguém legal que faz as unhas né, mas assim, digo assim, não procuro por estereótipo né [...]”.

Para Marco estereótipo seria uma questão de afinidade, ele procura sim por estereótipos, segundo ele “[...] eu tenho características que me desagradam nos homens, por exemplo: eu detesto fala mole, eu detesto excesso de delicadeza, este tipo de coisa [...]” (Marco).

Portando, analisando as quatro entrevistas, apenas Paulo disse não se importar realmente com estereótipos, Fabiano e Alexandre disseram preferir os estereótipos mais masculinos, mas, não descartaram a possibilidade de que algum dia possam conhecer alguém que fuja do estereótipo. Apenas Marco foi taxativo e afirmou sim que só prefere os homens masculinos, disse que “[...] Eu gosto de alguém que eu saiba que vai me pegar e me jogar na parede [...]”, e não deixou aberta a possibilidade de alguém que fuja um pouco do padrão exclusivamente masculino.

3.4.8. Homem ou mulher da casa?

Todos os entrevistados foram perguntados se sentem-se como sendo o homem ou a mulher da casa, Paulo e Marco responderam categoricamente que não.

Alexandre, como já mencionado anteriormente disse que “[...] As vezes eu me sentia a mulher da casa...rsss...as vezes sim porque como eu disse eu fazia mais as coisas em casa”, mas, “as vezes eu me sentia mais o homem da casa porque por exemplo pra coisas de força o Altamir não conseguia [...]”.

Sendo assim, o único que realmente se enquadrou em algum papel foi Fabiano, segundo ele, “[...] é uma coisa pré definida... é uma coisa que já é da

minha natureza [...]”. Para Fabiano, a maioria dos relacionamentos homossexuais possui alguém que seja mais dedicado a casa e o outro não, sendo assim “[...] se pode dizer que é a mulher da relação, já que temos estas convenções de que a mulher cuida da casa [...]”.

3.4.9. O preconceito

Aos entrevistados foi perguntado também se eles sentiam preconceitos por serem gays.

Fabiano disse que existe preconceito, mas que nunca havia sentido na pele, como por exemplo perdendo alguma oportunidade de emprego ou tendo alguém apontando para ele e dizendo “[...] pô, tu é gay!! [...]”, ele disse sentir mais é um certo preconceito sutil, e citou um caso de sua vida: “[...]eu tinha uma amiga na época, que estava grávida e eu iria ser o padrinho do filho dela, e depois que eu falei que eu era gay o convite não rolou mais [...]”.

Alexandre e Paulo também afirmaram sentir bastante preconceito, os dois tiveram discursos bem parecidos, Paulo disse o seguinte: “[...] Ai, não poder expressar o meu amor em lugar público por exemplo. Não poder andar de mãos dadas, poder abraçar ou expressar na mesa de um bar por exemplo. Ter que ficar pensando duas vezes [...]”.

Alexandre disse o seguinte: “[...] A, por exemplo, não posso beijar meu namorado na rua, não posso abraçar na rua porque as pessoas vão apontar, vão dizer [...]”. Alexandre também falou, assim como Fabiano, que nunca notou alguém tratá-lo mal quando se dá conta que ele é gay, apenas sente também nas pequenas coisas, mais sutilmente, “[...] noto uma conversa, alguma piada, principalmente em família assim que quando vê caiu mal, enfim, estas coisas [...]”.

Marco também afirmou as vezes sentir um certo preconceito, principalmente na empresa onde trabalha, e principalmente por parte dos homens, disse sentir que as vezes os homens evitam conversa ou contado, provavelmente como uma forma de não correrem o risco de terem sua sexualidade e masculinidade abaladas por estarem conversando com um gay, como já mencionado neste estudo anteriormente, os homens precisam estar provando sua masculinidade a todo o momento.

3.4.10. A sociedade

Ao final de cada entrevista, foi abordado o assunto sociedade e a visão que esta sociedade possui sobre os relacionamentos homossexuais.

Para Fabiano, ainda existe muito preconceito, mas, as pessoas em geral não desejam ser taxadas como preconceituosas, mas, ainda assim, a sociedade possui uma visão distorcida sobre os homossexuais, e usou o exemplo das novelas da Globo para ilustrar, segundo Fabiano, a sociedade possui a visão daquele gay caricato, como os da novela das 19h, que fazem rir e são aceitos por todos, e cita também a novela das oito, quando “[...] é posto um casal, um casal que vive junto, Torre de babel, tinha duas mulheres, Cristiane Torlone e Silvia Pfiffer que tinham uma loja em comum, aquilo na época gerou uma certa polêmica porque, porque se tu for ver gay caricato, todo mundo gosta, agora gay, com uma vida igual a nossa, ai já é algo que se freia, que já gera (soa), como se fosse algo despudorado [...]”. Ainda assim, segundo Fabiano aos poucos a sociedade esta avançando, para ele, é uma questão de costume “[...] já é normal ter um casal gay, apesar de não interagirem, não terem feito beijo, mas a maioria das pessoas já não estranha tanto, porque a gente se acostuma com tudo, nos acostumamos com tudo [...]” e também “[...] hoje em dia, já é uma coisa bem mais tolerada, pelo fato de, ninguém quer passar por preconceituoso [...]”.

Paulo também diz que a sociedade não possui uma visão correta sobre a homossexualidade, para ele “[...] O pessoal não pensa direito né, a cabeça é muito montada. Já vem pré moldada de novelas, da própria família [...]”. Para Paulo tudo depende de onde as pessoas crescem, da maneira como são educadas, segundo ele, as crianças deveriam crescer sabendo que não há problemas em homossexuais, desta forma, tudo seria mais naturalizado, para já crescer aceitando e conhecendo o diferente.

Para Alexandre, a sociedade esta avançando também com seu comportamento em relação aos casais gays, segundo ele as coisas já estão melhores e a luta dos grupos gays “[...] está obrigando a sociedade a ver assim né que os gays existem e tal [...]”. Para eles, muitas pessoas apenas reproduziam um preconceito aprendido desde a infância, que agora, com os gays se mostrando mais estão vendo que tal preconceito não tem nada a ver. Mas, segundo Alexandre, tanto a sociedade como muitos gays possuem uma visão errada sobre as relações

homossexuais, principalmente no sentido de acharem que as relações possuem papéis definidos entre papel de homem e papel de mulher, ele disse o seguinte sobre isto:

Até eu acho que pode existir sei lá sabe também, acho que pode ter, e daí lá que o cara queira ser a mulher da relação né, ou que uma mulher queira ser o homem da relação...mas mesmo acho que quando isto ocorre, ocorre de uma maneira mais sutil, é diferente, enfim, e boa parte da sociedade, pelo menos para a parte menos informada assim da sociedade, ou para as famílias que não tem um casal homossexual assim na família percebem de um modo errado, tem a impressão de que o casal gay vive como um casal de um homem e uma mulher, assim com papéis.

Sobre a visão da sociedade, Marco acredita que a sociedade não seja completamente homofóbica, segundo ele, o que existe mais é uma falta de conhecimento das pessoas sobre o que exatamente é a homossexualidade, segundo ele, “[...] pelo fato de elas (as pessoas) não conhecerem elas ficam meio receosas de conversar [...]”, acabam mantendo a visão preconceituosa e evitam o contato com os gays (como se fosse contagioso). Também segundo Marco, a sociedade sempre tentará enquadrar inclusive os relacionamentos gays naquilo que é hegemônico, ele disse tal afirmação através da seguinte fala:

[...] Sempre vão tentar enquadrar um tendo a função mais historicamente masculina e outro tendo a função mais historicamente feminina, um querendo ir pra rua e o outro querendo ficar fora de casa, um trabalhando e o outro cuidando do lar. Eu acho que isto existe sim [...]. (Marco)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Butler (2008, p.182) “[...] A categoria sexual é um constructo naturalizado que faz a instituição da heterossexualidade normativa parecer inevitável [...]”. Nesta perspectiva, o conceito de gênero existente em nossa sociedade demonstra que homens e mulheres são frutos de construções culturais, e entre estas construções culturais, a instituição da heteronormatividade se tornou tão forte que ainda nos dias de hoje a sociedade parece conviver sob sua “regulamentação”.

Esta norma heterossexual tem instituído grandes diferenças nas posições assumidas por homens e mulheres, sejam posições na vida sexual ou na vida social e maneira de viver de cada um. Ainda hoje, homens e mulheres são criados de maneiras diferentes na sociedade, da mesma forma, tem-se diferentes expectativas para um e outro em um casamento, deles também são esperadas atitudes e comportamentos diferentes seja no sexo ou no dia a dia do casal em sociedade.

Tal norma é a mesma que usualmente é aplicada pelo imaginário das pessoas aos relacionamentos homossexuais. Mas, conforme citado anteriormente, Nunam (2007, p.61) afirma que ao contrário do que sugere o preconceito das pessoas, é incomum em nossa sociedade contemporânea que dentro de um relacionamento um dos sujeitos se comporte como o marido da relação e o outro como a esposa da relação.

Desta forma, tal comportamento que comumente é tido pelo imaginário das pessoas e que acredita, que dentro de uma relação homossexual existam divisões de papéis foi investigado através de entrevistas com homens que possuam relacionamentos com outros homens. Através das entrevistas foi possível se ter uma idéia de como são estes relacionamentos dentro da intimidade de cada casal (cabe lembrar que tais considerações não devem ser generalizadas a todos os relacionamentos homossexuais masculinos pois referem-se a uma determinada amostra de entrevistados).

De todos os relacionamentos apresentados neste estudo, apenas um mostrou ter realmente uma divisão de posições na relação, que é o caso do relacionamento entre Fabiano e George, que apresentou divisões de papéis tanto na vida sexual do casal como também na vida doméstica. Tal relacionamento poderia ser facilmente enquadrado como seguindo o padrão heteronormativo, onde Fabiano assume o dito

papel feminino ao ser apenas passivo nas relações sexuais e ao assumir todas as tarefas domésticas da casa, já George, assume o papel masculino da relação, pois é o sujeito ativo sexual e também o mantenedor da casa, aquele que trabalha fora e trás o dinheiro.

Nos demais relacionamentos, em algum momento havia uma certa divisão de papéis, tanto sexuais como nas tarefas do lar, mas, não era uma divisão de posições tão enrijecida como o exemplo de Fabiano e George. Em todas as outras relações havia mais negociação, e os casais eram mais solidários uns com os outros ao efetuarem trocas de posições e papéis dentro da relação.

Cabe ressaltar que o termo solidário que utilizei acima não significa que na relação de Fabiano e George houvesse algum abuso de poder ou a imposição de posição dentro da relação. Todos os entrevistados pareceram estarem satisfeitos em seus relacionamentos, possuindo relações de parcerias e companheirismo, o fato de possuírem ou não papéis dentro da relação parece ser algo que segundo eles flui naturalmente, o fato é que apenas na relação de Fabiano e George é que esta posição é fixa, sem trocas como ocorre nos demais relacionamentos.

Desta forma, o padrão heteronormativo e a idéia de divisões de papéis que são senso comum e geralmente são aplicados aos relacionamentos homossexuais pela maioria das pessoas na sociedade, para esta amostra de pessoas, segundo este estudo, não são a realidade dentro dos relacionamentos gays.

Segundo Butler (2008, p.184):

A estratégia mais insidiosa e eficaz, ao que parece, é a completa apropriação e deslocamento das próprias categorias de identidade, não meramente para contestar o 'sexo', mas para articular a convergência de múltiplos discursos sexuais para o lugar da 'identidade', a fim de problematizar permanentemente essa categoria, sob qualquer de suas formas.

Sendo assim, tais divisões sexuais e de tarefas no lar existem, mas aparentemente, não são na grande quantidade e nem possuem posições tão fixas como a maioria das pessoas supõe e imagina. Desta forma, o sujeito homossexual parece não assumir uma identidade fixa ou papel único dentro do relacionamento, podendo estas identidades ou estes papéis serem negociados conforme o gosto do casal, conseguindo também, em alguns momentos atender o padrão heteronormativo e em outros momentos subverte-lo e inová-lo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2ª Experiência vivida. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1980

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importam**: sobre los l'mites materiales y discursivos Del sexo – Buenos Aires – Paidós, 2002

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.

CLICK SERGIPE. **Pernambuco lidera crimes por homofobia no Nordeste; Sergipe é o 8º**. Disponível em: <<http://clicksergipe.com.br/blog.asp?postagem=38114&tipo=cidade>>. Acesso em 08/09/2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2**: O Uso dos Prazeres. 12ª edição. São Paulo: Editora Graal, 2007

FURLANI, Jimena - Educação Sexual: do Esterótipo a Representação – Argumentando a Favor da Multiplicidade Sexual, de Gênero e étnico-racial (p.46 – 58). **Corpo, Gênero e Sexualidade** – Discutindo Políticas Educativas / Organizadores: Paula R. C. Ribeiro, Méri R. S. da Silva, Nádia G. S. de Souza, Silvana V. Goellner e Jane F. de Souza - Editora da FURG – Rio Grande 2007.

GARCIA, Marcos R. Vieira; WOLF, André Guimarães; OLIVEIRA, Eliane Vieira; SOUZA, Janaína T. Fernandes; GONÇALVES, Luana de Oliveira e OLIVEIRA, Mariana – **“Não podemos falhar”**: A Busca pela Normalidade em Famílias Homoparentais (p. 277 – 299). Coleção: Sexualidade, gênero e sociedade - Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis / Organizadores: Miriam Pillar Grossi, Anna Paula Uziel e Luiz Mello – Rio de Janeiro: Editora Garamond LTDA, 2007.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed., São Paulo: Atlas, 1999

JUSBRASIL. **Contra a discriminação, a lei**: STF reconhece, por unanimidade, união homoafetiva. Disponível em: <<http://amp-mg.jusbrasil.com.br/noticias/2675111/contra-a-discriminacao-a-lei-stf-reconhece-por-unanimidade-uniao-homoafetiva>>. Acesso em 08/09/2011.

LOURO, Guacira Lopes - **Heteronormatividade e homofobia (85 - 93)**. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas – Coleção educação para todos – Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2009.

NAVARRO SWAIN, Tânia - **Lesbianismo, Cartografia de uma Interrogação** (p.09-17). Corpo, Gênero e Sexualidade – Discutindo Políticas Educativas / Organizadores: Paula R. C. Ribeiro, Méri R. S. da Silva, Nádya G. S. de Souza, Silvana V. Goellner e Jane F. de Souza - Editora da FURG – Rio Grande 2007

NUNAN, Adriana – **Influência do Preconceito Internalizado na Conjugalidade Homossexual Masculina (p. 47 – 67)**. Coleção: Sexualidade, gênero e sociedade - Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis / Organizadores: Miriam Pillar Grossi, Anna Paula Uziel e Luiz Mello – Rio de Janeiro: Editora Garamond LTDA, 2007.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva – **Reserva e Invisibilidade: A Construção da Homoconjugalidade numa Perspectiva Micropolítica** (p. 23 – 46). Coleção: Sexualidade, gênero e sociedade - Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis / Organizadores: Miriam Pillar Grossi, Anna Paula Uziel e Luiz Mello – Rio de Janeiro: Editora Garamond LTDA, 2007.

RIBEIRO, Paula Regina Costa e SOARES, Guiomar Freitas. **As identidades de gênero** (p.39-42). Corpo, Gênero e Sexualidade – questões possíveis para o currículo escolar / Organizadora: Paula Regina Costa Ribeiro - 2ª edição revisada e ampliada. Editora da FURG – Rio Grande 2008

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos - **Heteronormatividade & Educação**. Seminário Gênero e Sexualidades na Escola, Brasília, novembro de 2007.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso – A Homossexualidade no Brasil, da Colônia a Atualidade**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso**. Planejamento e métodos. 3ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APENDICES

APENDICES A – QUESTIONÁRIO

1. Quais são os seus nomes?
2. A quanto tempo se conhecem?
3. Como se conheceram?
4. A quanto tempo estão juntos?
5. Qual a diferença de idade dos respondentes?
6. Qual é a renda de cada um dos respondentes? Quem ganha mais?
7. Qual a escolaridade de cada um dos respondentes?
8. Como é a união do casal?
9. Possuem bens juntos?
10. Possuem conta corrente juntos?
11. Trabalham fora?
12. Como é a divisão de tarefas em casa? (limpar a casa, cozinha, lixo, cortar grama, lavar louça, cuidar do carro, cuidar dos bichos)
13. Na vida sexual o casal possui papéis definidos? (ativo, passivo ou versátil)
14. Ser ativo, passivo ou versátil é importante / fundamental para você em uma relação?
15. Quando você procura alguém para se relacionar, você procura por estereótipo? (masculino ou feminino)
16. As pessoas te chamam de machinho ou mulherzinha, ou, homem da casa e mulher da casa?
17. Você se sente o homem da casa ou a mulher da casa?
18. Você sente algum tipo de preconceito por ser gay?
19. Como você vê o comportamento da nossa sociedade em relação aos casais gays?
20. Você acha que a sociedade possui uma visão correta sobre os casamentos gays ou é uma visão tomada ainda apenas de um olhar heterossexual?

APENDICES B – ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

QUAL O SEU NOME?

Fabiano

VOCÊ NAMORA, É CASADO OU POSSUI ALGUM RELACIONAMENTO?

Sim, moro com meu namorado.

A QUANTO TEMPO SE CONHECEM?

5 anos e meio

COMO SE CONHECERAM?

Em uma festa, fui pedir fogo para ele. Rssss.

E QUAL FESTA, ERA UMA BOATE?

Refúgios.

E A QUANTO TEMPO ESTÃO JUNTOS COMO NAMORADOS?

Somos namorados né a 5 anos e meio mas a gente , digamos assim que eu moro mais com ele desde 2007, eu comecei a fazer os concursos em 2008, 2009, 2010, 3 anos e meio. Estamos a 5 anos e meio.

ENTÃO SE CONHECERAM E LOGO DEPOIS COMEÇARAM A NAMORAR?

Nos conhecemos em 24 de setembro de 2005, e começamos a namorar 16 dias depois. E daí, ficou mais assim de morarmos juntos, de eu dormir aqui na casa dele, ter uma vida assim mais de casal a, em 2008, que foi quando eu comecei a estudar para concursos. Como os cursinhos todos eram aqui, ai não tinha cabimento eu sair daqui 22h30min da noite, pegar trem e ir descer lá na casa da minha mãe né. Porque antes disto eu intercalava sempre, era dois dias aqui e dois dias lá sabe, era assim, mas ai depois que eu comecei a estudar foi, eu ficava aqui que era mais próximo, não tinha cabimento eu voltar pra Canoas se eu estava aqui, duas quadras e podia estar em casa.

QUAL É A SUA IDADE?

29

E A DELE?

31, mas quando eu cheguei nele achei que fosse mais.

QUAL A RENDA DE CADA UM?QUEM GANHA MAIS, VOCÊ OU ELE?

O George ganha mais, eu atualmente não trabalho, eu faço alguns bicos, mas ele ganha consideravelmente mais. O George tira 8500 reais, liquido, com o desconto da prestação do apartamento, plano de previdência, da uns 5 mil e pouco, ele é gerente bancário. Ele passou no concurso como nível médio, mas daí lá dentro ele fez concurso para gerente e daí ele foi subindo né, tanto que agora ele esta tentando ser gerente geral, ele é gerente de contas, daí se ele conseguir ser gerente geral ganha mais.

E QUAL A ESCOLARIDADE DE CADA UM?

A minha escolaridade? Eu tenho técnico profissionalizante, técnico em administração. E ele é pós graduado.

COMO É A UNIÃO DO CASAL?

Como se chama quando junta as escovas??rss
Moramos juntos, somos ajuntados.

POSSUEM BENS JUNTOS? NO CASO, BENS NOS NOMES DOS DOIS OU COISAS ASSIM?

Tecnicamente não.

TRABALHAM FORA?

Sim.

POSSUEM CONTA CORRENTE JUNTOS?

Sim.

A CONTA CORRENTE, O CARTÃO É NO NOME DOS DOIS? OU VOCÊS TÊM A CONTA INDIVIDUAL E TAMBÉM UMA CONTA CORRENTE?

Não, a conta é no nome dele. A gente tinha uma conta corrente conjunta porque o seguro saúde caixa, o plano de saúde dele, assim, eu tinha Centro Clinico, mas quando fui fazer a cirurgia de varizes eu passei para o plano dele, o plano dele aceita cônjuge, mas para isto, pra ser cônjuge tu tens que comprovar 3 coisas, e daí tinha uma lista de comprovantes, ai então, na época para ele me incluir no plano de saúde dele tinha que ter 3 coisas, o que era mesmo? Um comprovante de endereço, no caso eu tinha que ter uma conta no meu nome que viesse pra cá, conta conjunta ou uma união estável, na época a gente ate pensou em fazer aquela união homoafetiva, so que daí pra evitar toda a burocracia a gente ficou com a conta conjunta, com este do meu nome e outro que não me lembro, esqueci o outro comprovante.

Pra comprovar o cônjuge, tinha esta tal lista de coisas, mas vendo a lista cai tudo mais para casais heteros, então eu e o George ficamos limitados a estes 3.

COMO É A DIVISÃO DE TAREFAS EM CASA?

A divisão de tarefas em casa, hahahahaha,

TIPO, COZINHAR, LAVAR A LOUÇA, LIMPAR A CASA, TIRAR LIXO, LIMPAR O CARRO.

Tarefas domésticas sou eu que faço, 98% das tarefas.

E O CARRO?

O carro é do George, tanto que eu nem sei dirigir. O carro é dele, ele que cuida, ele que limpa, se bem que ele não serve de exemplo né porque o último carro dele ele mandou lavar uma vez em todos os anos...huahauhauh...era um cheiro, o amigo dele disse "Poxa George!!" o George emprestou o carro dele pra um amigo ir pra Riveira, ai o cara disse: "pô, caiu cocô de passarinho no teu carro e manchou a tinta", e o George respondeu: "quando eu for revender isto ai não vai alterar no preço". Então né...

ENTÃO, NO CASO, ELE NÃO BOTA A MÃO EM CASA, NÃO FAZ NADA??

Não, bem, como é...eu tenho bom senso né Nicole, assim, como atualmente eu não estou trabalhando né, eu acho que o mínimo que eu tenho que fazer são as tarefas domésticas, com certeza isto, mas, mesmo eu estando trabalhando fora, o George não faz, até porque ele não sabe entende, ele realmente não faz. Paga empregada, faxineira, que vem, mas no normal ele não faz nada.

ENTÃO, ELE NÃO FAZ E NEM COLABORA PRA MANTER NÉ?

Aos pouquinhos né ele melhora, isto não é uma característica intrínseca nele, é algo que pode ser mudado, aos pouquinhos é algo que pode ser melhorado.

NA VIDA SEXUAL, O CASAL POSSUI ALGUM PAPEL DEFINIDO? (ATIVO, PASSIVO, VERSÁTIL)

Sim, ele é ativo e eu sou passivo.

SEMPRE? SÓ ISTO SEMPRE?

Sempre. Ativo ele. Eu sou versátil, mas, na nossa relação, como ele é só ativo então eu sou só passivo com ele.

E SER ATIVO, PASSIVO OU VERSÁTIL É IMPORTANTE FUNDAMENTAL PRA VOCÊ NA RELAÇÃO?

Hummmmmmm

VOCÊ GOSTARIA DE SER ATIVO POR EXEMPLO?

Não é fundamental. Mas eu acho que tu ter prazer sexual, você estar satisfeito sexualmente, no teu relacionamento com o teu parceiro é fundamental. Entendeu? Quer que eu explique melhor?

Digamos que eu acho que a partir do momento que eu, porque eu sou versátil, mas a partir do momento em que eu estou com um cara só ativo, eu sou passivo. Então, não é fundamental, porque o relacionamento não é baseado só em sexo na minha opinião, pra algumas pessoas é 80% ou 90%, pra mim eu posso por assim dizer 50%, de 40 a 50% da relação. Porque também tem o companheirismo, mas, eu tenho que estar satisfeito sexualmente entende, o cara que tá comigo tem que me dar tesão, tem que, eu tenho que estar, não é fundamental, mas eu tenho que estar pelo menos satisfeito. Acho que é isto.

QUANDO VOCÊ PROCURA ALGUÉM PRA SE RELACIONAR, VOCÊ PROCURA POR ALGUM ESTEREÓTIPO? MAIS MASCULINO, MAIS FEMININO...

No normal, a gente, no normal todo mundo tem um estereótipo, assim como minha amiga diz que não gosta de loira, mas ficou com a Cris um tempo né. Eu gosto de pessoas mais velhas, claro, o que me chama a atenção, se eu to numa festa, o que vai me chamar a atenção é um cara mais velho certo. É o que vai me despertar a atenção, mas, também, eu acho que isto é uma questão de tu não se colocar estes rótulos assim sabe, tu oportunizar as pessoas, tu conhecer elas, isto influencia muito, tu pode ter um relacionamento com uma pessoa que não é o teu estereótipo, se tu conhecer ela, se tu der uma oportunidade de conhecer ela.

TÁ, MAS QUANDO VOCÊ CHEGA NA FESTA A PRIMEIRA VEZ, TÁ LÁ AQUELE HOMEM MAIS VELHO MAS ASSIM BEM QUA QUA...TE ATRAI OU NÃO? (qua qua é um termo utilizada para gays bem “afetados”, afeminados)
De início não.

SÓ DEPOIS DE UM PAPINHO?

Isso. Quando eu conheci o Felipe, por favor, que o George nunca ouça, quando eu conheci o Felipe eu achei ele de um estereótipo bem masculino, e ele estava acompanhado na festa, e eu parei do lado no balcão, catando. E quando ele falou com o cara, eu vi que ele era um tanto afeminado, e eu, aquilo meio que na hora me broxou um pouco, mas, aí depois ficamos, e conversamos, e acabamos ficando um ano e 8 meses juntos né, de início claro, acho que todo mundo tem um estereótipo que é o que chama a atenção, mas ninguém tá livre de oportunizar, se oportunizar a conhecer alguém. Eu acho que tem outras características, tem outros aspectos da pessoa que podem suprir, podem ser mais importantes sabe, é uma questão de tu oportunizar.

AS PESSOAS TE CHAMAM DE MACHINHO OU DE MULHERZINHA? O HOMEM DA CASA OU A MULHER DA CASA?

Não me chamam, mas, é uma coisa pré definida né, assim até em conversas assim, se eu e o George estivermos em uma roda de amigos, ele vai dizer ai o Fabiano que faz isto lá em casa, e vai ver que são as tarefas domésticas, a parte comparando com a heteronormatividade, digamos que eu faria a parte da mulher, até sendo passiva digamos assim né, eu que faço, mas não que me chamem, isto é uma coisa, como eu disse né, intrínseca em mim, é uma coisa que já é da minha natureza.

E TU ACHAS QUE TODOS OS RELACIONAMENTOS TEM UM QUE FAZ O PAPEL DE MULHER DA CASA E HOMEM DA CASA OU NÃO?

Uma grande maioria. Uma grande maioria. Eu acho que num relacionamento, em um relacionamento homossexual tem sempre, falando isto de uma maneira, estatisticamente né, na maioria dos casais tem homem que é mais dedicado a casa e o outro não sabe, e daí se pode dizer que é a mulher da relação, já que temos estas convenções de que a mulher cuida da casa.

VOCÊ SENTE ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER GAY?

Se eu sinto? Eu, existe né, existe preconceito. Eu acho que na pele assim eu nunca senti, pô, tu é gay!! Coisas deste tipo. Eu noto assim ó: é um tipo de preconceito, uma amiga minha, bem na minha transição, eu sempre curti né, tanto homem quanto mulher, mas, depois de um tempo eu comecei a freqüentar boates gays, comecei a ter amigos gays, e foi quando eu falei para os meus amigos, daí eu tinha uma amiga na época, que estava grávida e eu iria ser o padrinho do filho dela, e depois que eu falei que eu era gay o convite não rolou mais, sabe, então tu sente, assim na carne eu nunca senti nenhum preconceito tá, é, de vez em quando algum te grita “oo viado na rua” mas, agora tipo, não, tu não vai ser tipo, não me quiseram pra uma vaga de emprego por eu ser gay sabe, isto aí eu nunca senti.

O George, quando ele fez concurso interno para gerente do banco, ele ganhou e muitos colegas disseram que ele ganhou a seleção porque senão ele iria dizer que foi preconceito do cara que selecionou.

QUE DISCURSO DE DERROTADOS...TEM QUE INVENTAR UMA DESCULPA.

COMO VOCÊ VÊ O COMPORTAMENTO DA NOSSA SOCIEDADE EM RELAÇÃO AOS CASAIS GAYS?

Claro que na pergunta anterior eu não me referi a época de escola por exemplo, eu to falando de agora, que eu não tenho problema em chegar e dizer que tenho um namorado. Que nem outro dia eu fui comprar uma roupa ali na loja com um amigo meu, na loja Espírito Santo alí no Praia de Belas, e daí não sei o que e eu disse que “ai o meu namorado que ia gostar daqui né, porque ele usa muito terno”. E daí o Osmar meu amigo depois comentou comigo que “a tu não sente nenhum problema em dizer ai o meu namorado”. E eu disse não, eu não tenho mesmo, não preciso fazer questão de dizer, mas se me questionarem eu digo, não, meu namorado. Não sou que nem a Maria (amiga) que precisa se impor, então... é isto.

COMO VOCÊ VÊ O COMPORTAMENTO DA NOSSA SOCIEDADE EM RELAÇÃO AOS CASAIS GAYS?

Comportamento da nossa sociedade em relação aos casais gays? Com certeza ainda há preconceito, certo, mas hoje em dia, ninguém quer ser taxado de preconceituoso, então, eu acho que além de ter aumentado a tolerância das pessoas, também já virou uma coisa mais comum sabe, até uma coisa muito interessante, que sempre numa novela das 8 da globo, que é um programa muito assistido sabe, a questão é a seguinte, vou ser bem franco contigo, eu não sei se é, eu vou fazer aqui uma comparação. Novela das 7 da globo e novela das 8 da globo, a novela das 19h tem aqueles casais gays cômicos, então o público adora, nunca teve polêmica, por que? Porque todo mundo tem aquela idéia de gay uma bicha de salão né, ótimo. Só que na novela das 20h, o que é posto? É posto um casal, um casal que vive junto, Torre de babel, tinha duas mulheres, Cristiane Torlone e Silvia Pfiffer que tinham uma loja em comum, aquilo na época gerou uma certa polêmica porque, porque se tu for ver gay caricato, todo mundo gosta, agora gay, com uma vida igual a nossa, ai já é algo que se freia, que já gera (soa), como se fosse algo despuadorado. Só que eu acho que, devido a isto, a mídia ta ajudando muito nesta questão gay na minha opinião sabe, toda novela tem sempre um casal gay, um big brother tem, estes tempos tinha um plano, eu acho que era da TIM, que era um Motorola, que era um comercial que era especificamente para gays, para o público GLS, era todo coloridinho com as cores do arco íris. Já fazem uns 2 anos que tinha este comercial sabe, então, a sociedade, eles colocam mais isto, eles estão trabalhando mais isto, eu acho que pra falar a verdade a questão gay nunca esteve tão em alta como agora, nunca esteve tão em alta. E daí a sociedade agora, eu acho que eles, tudo que é novidade causa um impacto, eu sempre costumo dizer que o jornal de hoje amanhã tá enrolando os ovos da feira né, que nem de início, quando teve aquele casal gay em torre de babel foi um comentário geral né, aquelas duas mulheres, mas agora já é normal ter um casal gay, apesar de não interagirem, não terem feito beijo, mas a maioria das pessoas já não estranha tanto, porque a gente se acostuma com tudo, nos acostumamos com tudo.

VOCÊ ACHA QUE A SOCIEDADE POSSUI UMA VISÃO CORRETA SOBRE AS UNIÕES GAYS OU É AINDA UMA VISÃO TOMADA PELA VISÃO HETEROSSEXUAL?

É mais ou menos o que eu falei antes com o exemplo da novela das 19h e das 20h, quando as pessoas elas tem uma idéia de que quando o gay é caricato, faz rir né, aquela bicha de salão na tua vida, falando isto usando gay homem, aí todo mundo gosta, mas daí quando o gay tem uma vida igual a nossa, daí falando dos

heterossexuais, digamos assim, aí então, isto, pô, é igual a mim. Só que hoje em dia, já é uma coisa bem mais tolerada, pelo fato de que, ninguém quer passar por preconceituoso, mas as pessoas evoluem. Claro, existe preconceito ainda e sempre vai existir, as pessoas tem seus preconceitos, mas agora, respeito, isto aí é fundamental.

ENTREVISTA 2

QUAL SEU NOME?

Paulo

NAMORA, É CASO OU POSSUI ALGUM RELACIONAMENTO?

Namoro.

A QUANTO TEMPO SE CONHECEM?

A dois anos e meio.

COMO SE CONHECERAM?

Pela internet.

PELA INTERNET?

Sim.

VOCÊS ESTÃO NAMORANDO A DOIS ANOS E MEIO TAMBÉM?

Sim, na verdade não. Não sei em quanto tempo virou namoro, mas foi questão de meses.

QUESTÃO DE MESES...

É, até engrenar no namoro.

E QUAL É A IDADE DE VOCÊS?

Eu tenho 24 e o Alexandre tem 28.

QUAL A RENDA DE CADA ?.

Eu não tenho renda, sou dependente da minha mãe porque moro com ela.

ENTÃO, SEU NAMORADO GANHA MAIS DO QUE VOCÊ?

Sim.

E QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

A minha é segundo grau completo.

E COMO É A UNIÃO DO CASAL?

O que você chama de união? A gente namora, só se vê no final de semana.

E AÍ VOCÊ VAI NA CASA DELE, ELE VAI NA SUA CASA?

Sim, é recíproco assim, um final de semana é meu e o outro é dele. As vezes a gente se vê no meio da semana quando dá.

OK. VOCÊS POSSUEM BENS JUNTOS?

Não.

NADA? NEM UM DVD?

Nada...rsss...

POSSUEM CONTA CORRENTE JUNTOS?

Não.

JÁ QUE VOCÊS NÃO MORAM JUNTOS, MAS, PENSANDO EM QUANDO VOCÊS SE ENCONTRAM, COMO É A DIVISÃO DAS TAREFAS EM CASA? TIPO: ALGUÉM LIMPA A CASA, ALGUÉM COZINHA, ALGUÉM LAVA OU CUIDA DOS BICHOS? EXISTEM DIVISÕES ESPECÍFICAS DE TAREFAS?

Em relação as tarefas domésticas?

ISTO.

Hum, o Alexandre não gosta, às vezes quando eu vou lá eu faço porque o apartamento dele é menor que o meu aqui. Mas eu faço aqui em casa também, na casa dele as vezes eu faço porque ele não gosta de fazer mesmo. Faço para ele porque eu não vejo problema, mas ele não gosta.

É, MAS ELE NÃO FAZ PORQUE...

Ele tem preguiça.. aí eu vou lá e faço pra ele, ate porque eu faço mais rápido também, lavar a louça, varrer as vezes.

E NA VIDA SEXUAL O CASAL POSSUI PAPÉIS DEFINIDOS?

Não.

TIPO, UM É ATIVO E O OUTRO PASSIVO? OU SÃO VERSÁTEIS?

Não, não temos papéis definidos.

ENTÃO SÃO VERSÁTEIS NA VERDADE?

Sim.

E SER ATIVO, PASSIVO OU VERSÁTIL É IMPORTANTE PRA VOCÊ NUMA RELAÇÃO?

Pra mim, não.

ENTÃO, QUANDO VOCÊ PROCURA ALGUÉM PARA SE RELACIONAR TU NÃO PROCURA POR ESTEREÓTIPO, SE O CARA É MAIS MASCULINO, MAIS FEMININO?

Procuro saber antes né, perguntar antes no papo, mas não tem importância. Você quer saber por causa daquele tipo de pessoa que diz ter exclusividade né?

ISTO, PORQUE TEM GENTE QUE SE DIZ OU SÓ PASSIVA, OU SÓ ATIVA.

Sim, por isto que eu preciso saber, porque as vezes tem dias que eu quero ser passivo, tem dias que eu quero ser ativo, daí eu preciso saber da outra pessoa né. O que é que ela vai fazer naquele dia.

O QUE ELA VAI FAZER NAQUELE DIA?? RSSS SERÁ QUE ELA SÓ VAI ME COMER OU SÓ VAI ME DAR?? RSSSS

Rssss...

AS PESSOAS TE CHAMAM DE MACHINHO OU DE MULHERZINHA?

De machinho?

É, DO TIPO TU É A MULHERZINHA DA CASA OU O MACHINHO DA CASA...
Aaa...não!!

TU TENS ALGUM ESTEREÓTIPO QUE AS PESSOAS TE CHAMEM?
Não.

E VOCÊ SE SENTE O HOMEM OU A MULHER DA CASA?
Não. Rsss...

E VOCÊ SENTE ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER GAY?
Se eu sinto?

É.
Muito.

QUE TIPO DE PRECONCEITO VOCÊ VIVE? OU VOCÊ SENTE?

Ai, não poder expressar o meu amor em lugar público por exemplo. Não poder andar de mãos dadas, poder abraçar ou expressar na mesa de um bar por exemplo. Ter que ficar pensando duas vezes...

COMO VOCE VÊ O COMPORTAMENTO DA NOSSA SOCIEDADE EM RELAÇÃO AOS CASAIS GAYS?

O pessoal não pensa direito né, a cabeça é muito montada. Já vem pré moldada de novelas, da própria família, da sua família que na maioria ainda é normal ainda, uma mãe, um pai. Depende da onde tu cresce né, tem que ver onde é que se cresce, aprender desde pequeno, minha sobrinha já está quase não vendo mais diferenças, ela vem aqui e vê eu e o Alexandre, ela já sabe que a gente é namorado, então ela vai crescer sabendo que não tem problema nenhum né. E ela vai saber, e quando ver outros coleguinhas, outras pessoas comentando vai dizer a meu tio também é assim, por que falam mal ou acham ruim se meu tio tb é assim. Mas, depende muito da criação, já vai aceitar o diferente.

JÁ VAI NATURALIZAR AQUILO, NÃO VAI ESTRANHAR TANTO.
É.

E VOCÊ ACHA QUE A SOCIEDADE POSSUI UMA VISÃO CORRETA SOBRE OS CASAMENTO GAYS? OU É UMA VISÃO TOMADA AINDA POR UMA VISÃO HETEROSSEXUAL?

Não, não tem um verdadeiro olhar pelas informações que eles recebem né. A gente viu por este, este kit gay que inventaram aí, botaram o nome que eles quiseram e não explicaram direito pra que servia, a mesma coisa com o casamento, ninguém quer se vestir de noiva, entra na igreja e tomar a benção do padre, eles querem é ter os direitos iguais, direitos civis né, totalmente diferente da religião, e as pessoas pensam diferente né, é mais uma falta de informação.

BOM, A ENTREVISTA ERA ISTO, NA VERDADE, VOCÊ NÃO TEM AINDA UMA RELAÇÃO DE CASADO, MAS VOCÊ PRETENDE NO FUTURO CASAR COM ALGUÉM, NÃO DIGO CASAR, MAS SIM ESTA COISA DE MORAR JUNTO E DIVIDIR ALGUMA COISA?

Sim quando eu tiver condições por exemplo de me sustentar, entendeu, daí vou poder me juntar com alguém com certeza. Não fujo disto.

E DAÍ TU ACHA QUE VAI TER ESTA DIVISÃO DE TAREFAS EM CASA?
Vai ter que ter!!

VAI TER QUE TER??RSSS

Vai ter que ter!! Atualmente não estamos juntos todos os dias, só no final de semana, então não custa lavar aquela loucinha, varrer o chão, mas todo o dia vai ter que ter uma divisão!!

OK!! OBRIGADA!!

ENTREVISTA 3

QUAL O SEU NOME?

Alexandre

BOM ALEXANDRE, MINHA IDÉIA INICIAL ERA FAZER AS PERGUNTAS APENAS COM PESSOAS CASADAS, MAS DAÍ EU RESOLVI ABRIR PARA QUEM NÃO FOSSE CASADO, MAS JÁ TIVESSE TIDO ALGUMA EXPERIÊNCIA DE CASAMENTO.

Mas o que ta contando então é que eu e meu namorado somos um casal? Tipo, eu e ele.

EU NÃO VOU FAZER NECESSARIAMENTE COM CASAIS, VOU FAZER SOBRE EXPERIÊNCIAS DE CASAMENTOS E EXPERIÊNCIAS DE RELACIONAMENTO.

Tá, tenho uma pra contar, tive uma experiência de casamento.

NAMORA, É CASADO OU POSSUI ALGUM RELACIONAMENTO?

Sou namorado.

A QUANTO TEMPO ESTÃO JUNTOS?

3 anos.

E A QUANTO TEMPO SE CONHECEM?

3 anos.

COMO SE CONHECERAM?

Pela internet.

MAS, ERAM SITES DE BATE PAPO? PUTARIA?

É, de bate papo para putaria, porque assim né, todo mundo sabe pra que que vai lá. Mas, era o chat do Terra, sala de bate papo. Enfim, era assim de bate papo para...é, a maior parte é pra sexo, daí a gente se conheceu e rolou...vimos namorados.

QUAL É A SUA IDADE?

28

E A DO SEU COMPANHEIRO?

24

QUAM GANHA MAIS FINANCEIRAMENTE, VOCÊ OU ELE?

Eu. Ele não tem nem renda.

BOM, AGORA EU VOU PERGUNTAR A RENDA DE CADA UM DE VOCÊS, VOCÊ PODE NÃO RESPONDER SE NÃO SE SENTIR A VONTADE.

Ok.

QUAL A RENDA DE CADA UM ENTÃO??RSSS

Rssss... eu ganho 900 por mês e ele vive de mesada.

MORA COM A MÃE?

Sim, ele mora com a mãe.

QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

Superior incompleto.

E A DELE?

A dele é técnico incompleto, e ensino médio completo.

BOM, AGORA VAMOS COMEÇAR A UMA MELHOR APRESENTAÇÃO DA COISA...COMO É A UNIÃO DO CASAL? NO CASO, PORQUE VOCÊS NAMORAM, MAS NÃO MORAM JUNTOS, ENTÃO COMO É QUE FUNCIONA?

Não entendi.

TIPO, TU VAI NA CASA DELE, ELE VAI NA SUA CASA??

A tá, como a gente se vê assim...são as duas coisas, a gente vai na casa um do outro, em geral nos fins de semana, as vezes durante a semana também. A gente alterna, eu vou na casa dele, na casa da mãe dele na verdade em um fim de semana e no próximo ele vem pra minha. E fora isto, vamos ao cinema este tipo de coisa.

UM NAMORO...

É, um namoro normal assim...

POSSUIM BENS JUNTOS? CASA, APARTAMENTO, CARRO?

Não.

MÓVEIS?

Nada.

E TRABALHAM FORA? É QUE ASSIM...

Tu quer saber do outro relacionamento?

É, TU PODE ME FALAR TAMBÉM DO RELACIONAMENTO ANTERIOR, JÁ QUE TU JÁ TEVE UM RELACIONAMENTO ANTERIOR.

Pois é...tá...

VAMOS VOLTAR DO INICIO ENTÃO...RSS

Então tá...mas, sabe que este namoro de agora é um namoro normal, assim a gente se vê...

ENTÃO TA, VOCÊ PODE RESPONDER BASEADO TANTO NESTE RELACIONAMENTO QUANTO NO ANTERIOR...

Posso dar duas respostas?

DE REPENTE PODE...PODE SIM, A GENTE VAI CONVERSANDO...

Tá, então tá!!

Então, o relacionamento anterior a gente ficou juntos por 4 anos, e a gente, a mesma coisa, assim que a gente se conheceu a gente começou a namorar e moramos juntos por 2 anos, destes 4, 2 a gente namorou normal, assim como eu e o Paulo hoje, um ia na casa do outro e depois a gente foi morar juntos num

apartamento alugado, então a gente não chegou a ter nenhum bem junto...fora eletrodoméstico assim né. E... bom, é isto.

E TÁ, MAS NA ÉPOCA VOCÊ TRABALHAVA JÁ?
Trabalhava.

E ELE TRABALHAVA TAMBÉM?

Ele trabalhava, a minha renda era um pouco maior que a dele porque eu tinha dois empregos na época, na época que a gente foi morar juntos. É, mas depois também, depois que eu saí de um dos empregos, eu saí daquele que eu ganhava menos e no outro comecei a ganhar mais e igual eu ganhava mais do que ele.

TÁ, MESMO ASSIM VOCÊ GANHAVA MAIOS DO QUE ELE.
Aham, ganhava mais do que ele.

E QUAL ERA A ESCOLARIDADE DELE?

Superior incompleto também. Hoje ele está para se formar...

BOM, SOBRE A UNIÃO DO CASAL VOCÊ JÁ ME RESPONDEU, QUE VOCÊS ACABARAM MORANDO JUNTOS... POSSUÍAM BENS?

É, TV, traquitanas...tinhamos um armário que era de nós dois, a cama foi a mãe dele que deu.

E NA ÉPOCA VOCÊS POSSUÍAM CONTA CORRENTE JUNTOS?

Não. A gente optou por ter separado. A gente até pensou nisto, mas a gente optou por ter separado assim, mas a gente juntava as contas em casa, assim a gente não separa o que cada um ia pagar entendeu, a gente juntava o dinheiro no mesmo lugar e ía...

A MESMA QUANTIDADE?

Não, a gente vivia os dois com o dinheiro dos dois entendeu, não fazia diferença assim, o meu dinheiro do dele.

O FATO DE VOCÊ GANHAR MAIS ENTÃO NÃO FAZIA DIFERENÇA?

Não, a gente fazia o que os dois podiam fazer.

E COMO ERA A DIVISÃO DAS TAREFAS EM CASA?

Domésticas?

É, TIPO QUEM LIMPAVA A CASA, COZINHAVA, LAVAVA, CORTAVA GRAMA, MAS NO CASO VOCÊS MORAVAM EM APARTAMENTO...

Hum...assim: eu, trabalhava mais, mas eu também ficava mais tempo em casa, eu fazia mais a coisa do dia a dia. Mas, uma vez por semana, tipo assim, a gente fazia uma faxina maior assim e daí era perfeitamente, igualmente dividido. Ai não tinha muito, era mais assim o que a gente escolhia, o que cada um gostava de fazer tipo, eu sempre odiei limpar o banheiro e ele gostava, então ele limpava o banheiro... e eu limpava a cozinha porque eu sempre gostei de mandar na cozinha, gostava de cozinhar, era eu quem cozinhava sempre, até porque a minha comida era boa e a dele não. Então, eu cozinhava, e ai a gente dividia mais ou menos assim. Eu acho que eu acabava trabalhando um pouco mais assim nas coisas domésticas porque

em geral eu chegava em casa um pouco mais cedo que ele e tudo mais. É, lavar roupas a gente lavava na casa da mãe dele.

Hoje com o Paulo, quando a gente se vê, assim depende, quando a gente tá na casa dele ele faz mais as coisas e quando estamos na minha casa eu faço mais... mas, eu acho que é isto.

OK!! NA VIDA SEXUAL, O CASAL POSSUI PAPÉIS DEFINIDOS? OU POSSUÍA? TIPO UM É SÓ ATIVO, O OUTRO SÓ PASSIVO, OU SÃO VERSÁTEIS?

Pois é, com o Altamir, com o casamento meio que não tinha, mas na verdade tinha, era um acordo meio tácito assim, ele era ativo, se comportava como ativo na maior parte do tempo; mas é engraçado, porque se a gente fosse falar disto a gente não considerava assim, não levava isto em questão, eu sempre me considerei versátil, mas no casamento com ele, ele tinha muita dificuldade para ser passivo, ele não conseguia, mesmo que ele tentasse.

ELE NÃO CONSEGUIA?

É, doía, não conseguia, não conseguia nada.

SERÁ QUE ELE NÃO RELAXAVA?

Provavelmente, não relaxava, uma vez sangrou. Nossa, fiquei todo cagado de medo, sangrou e tudo daí eu disse tá, então tá...e, então... é, no geral, na maior parte das vezes ele era ativo e eu passivo. Mas não era uma coisa que era combinada antes assim entendeu, ou que tipo assim, a gente nunca precisou assim quando a gente se conheceu ficar falando a eu sou passivo, eu sou ativo, isto nunca aconteceu.

E AGORA?

Agora, com o Paulo somos totalmente versáteis os dois. A gente não sabe assim, somos tanto ativos quanto passivos.

Mas assim, uma coisa que eu acho importante dizer quando você me faz esta pergunta é que muitas vezes isto não vem ao caso porque as vezes rola sexo sem penetração assim, tanto com o Altamir era a mesma coisa, a gente não cabe dizer quem é ativo ou quem é passivo né, porque não tinha penetração. Com o Paulo a mesma coisa, sexo oral, masturbação sabe...estou me referindo a penetração sabe...eu sei que para as lesbica já funciona diferente... agora se você for perguntar para os gays o que significa ser ativo é isto...

E SER ATIVO, PASSIVO OU VERSÁTIL É IMPORTANTE OU FUNDAMENTAL PARA VOCÊ?

Não, para mim não, definitivamente não significa muita coisa.

ENTÃO, QUANDO VOCÊ PROCURA ALGUÉM PARA SE RELACIONAR VOCÊ PROCURA POR ESTEREÓTIPO? NÃO PROCURA POR ESTEREÓTIPO NO CASO? FULANO É MAIS FEMININO, OU MAIS MASCULINO?

Mais ou menos assim, seria... não procuro, mas também não quer dizer que eu não de bola pra estereótipo assim entendeu, em geral não me atraem muito os estereótipos muito femininos, então talvez desse pra dizer que eu procuro estereótipos mais masculinos, mas, mas mais por causa disto. Não me atraem estereótipos mais femininos, geralmente não me atrai muito quando vejo que o cara faz sobrancelha, vai a manicure, ai tenho pavor...as unhas bonitas com base

sabe...rssss...mas também, acho que depende, vai que um dia eu ache alguém legal que faz as unhas né, mas assim, digo assim, não procuro por estereótipo né...

INCONSCIENTEMENTE QUEM SABE...

É...eu sei por exemplo assim que de certo modo eu me interessei mais por estereótipos que eu considero assim mais masculinos do ponto de vista do gênero e tal, mas a, acho que é isto... acho que não tem um papel assim né.

TA, AGORA MAIS BASEADO ENTÃO NA ÉPOCA EM QUE VOCÊ ESTAVA MORANDO JUNTO. AS PESSOAS TE CHAMAVAM DE HOMEM DA CASA OU MULHER DA CASA?

Acho que não, não.

É, VOCÊ DISSE QUE NÃO TINHA DIVISÃO DE PAPÉIS...

É.

E VOCÊ SE SENTIA O HOMEM OU A MULHER DA CASA?

As vezes eu me sentia a mulher da casa...rsss...as vezes sim porque como eu disse eu fazia mais as coisas em casa, como eu gosto muito da cozinha por exemplo, sempre gostei de cozinhar, de fazer e não sei mais o que... eu sou uma pessoa que é muito mantenedora, que gosta de cuidar assim, que gosta disto.

ENQUANTO VOCÊ TAVA CUIDANDO ELE ESTAVA LENDO?

Não, acho que normalmente ele não tava em casa né, aí ficava a mulher sozinha lá na cozinha fazendo a comida pro marido chegar em casa. Entendeu, mas variava, porque as vezes eu me sentia mais o homem da casa porque por exemplo pra coisas de força o Altamir não conseguia ele era muito fraco, era menor, mais magro que eu, daí as vezes tinha que levantar alguma coisa, fazer não sei o que e ele não conseguia, não se candidatava assim sabe.

É LEGAL QUE ESTAMOS FALANDO DE CONSTRUÇÕES CULTURAIS NÉ, A MULHER DA CASA É A QUE COZINHA E O HOMEM É O FORTE...

Isto, e daí o forte é o homem...na real isto pra mim acaba sendo uma outra coisa, que é quem mantém mais, na real as coisas domésticas eu tomava a iniciativa, as vezes ele até tinha a idéia de fazer, assim queria fazer e dizia que precisava mas quem tinha que atuar era eu porque ele não conseguia ou não sabia ou não sei que, ou ficava ruim...

RUIM?

É, tipo, quando cozinhou era horrível.

A SIM, A COMIDA FICAVA RUIM.

É, ou tipo isto, quando ia cortar grama ele se machucava daí não sei o que sabe.

E ELE CORTAVA GRAMA?

Lá na casa da mãe dele que a gente ficava lá e cortava grama...rsss...ela tinha um pátio enorme...

E SE MACHUCAVA CORTANDO A GRAMA?

Se machucava varrendo...rsss...ai é um...

E VOCÊ SENTE ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER GAY?

Sim.

QUAIS?

A por exemplo não posso beijar meu namorado na rua, não posso abraçar na rua porque as pessoas vão apontar, vão dizer. É... tipo assim, principalmente, e mais ainda em estabelecimentos, restaurantes e este tipo de coisa assim, as pessoas, eu nunca notei pelo menos diretamente alguém me tratar mal quando se dava conta que eu sou gay, mas noto uma conversa, alguma piada, principalmente em família assim que quando vê caiu mal, enfim, estas coisas...

COMO VOCÊ VÊ O COMPORTAMENTO DA SOCIEDADE EM RELAÇÃO AOS CASAIS GAYS?

É, acho que muitas coisas já mudaram, acho que já estão melhores assim, e eu acho, que hoje tem uma onda reacionária assim, né, acontecendo hoje, vide Bolsonaro e esta turma assim de gente. Mas acho que isto também é muito em função dos avanços que se fez e do quanto o grupo está obrigando a sociedade a ver assim né que os gays existem e tal, então, acho que, por um lado ainda acho que isto ainda é evolução, assim sabe, apesar de que existam Miriam Ryos, de que existam né...a mas ...

TEM QUE EXISTIR PRA GENTE PODER REAGIR..

Exatamente, reagir...e o contrário também, eles na real tão reagindo a uma coisa mais adormecida, mas eu acho que o legal disto, que o que sobra é que tem gente que tava no meio do caminho, que tava no meio termo e tá conseguindo cair pro lado de cá, tá conseguindo ver que não tem nada a ver, que tudo bem que existam gays, que eram pessoas que estavam só inertes, que tavam só de repente reproduzindo um preconceito que né, e que agora estão sendo obrigados a pensar nisto e estão optando pelo caminho mais sensato.

SABE QUE EU TENHO NOTADO NA JUVENTUDE DE AGORA, ELES ESTÃO COM UMA CABEÇA TÃO MAIS ABERTA.

Mas ai é que tá, eu acho que ao mesmo tempo isto varia, na juventude é uma coisa que eu noto.

POIS É, OS MEUS ÚLTIMOS ESTAGIÁRIOS SÃO TODOS TÃO ABERTOS, PRA ELES É UMA NATURALIDADE COMO ELES LIDAM COM ESTES ASSUNTOS, OU FAZEM BRINCADEIRAS...

É, mas eu acho que a coisa do machismo tem reagido muito também assim, do heterossexual assim, tem muita menina querendo assim sabe viver como Barbiezinha, muito menino querendo viver como o macho... muita influencia eu vejo, pode ser preconceito bem meu também mas parece uma postura rapper americana, do gangster e as putas sabe, eu não sei, eu acho isto um pouco assim da juventude as vezes... mas enfim, mas com relação ao preconceito com os gays acho que ainda tem muita coisa ruim, muita coisa errada, ainda não existe mesmo o casamento, o que existe é esta união civil amplamente reconhecida pelo supremo e tudo mais mas pra existir casamento ainda vai ter que fazer por exemplo uma emenda na constituição né, o que por enquanto não tem como fazer. Enfim, tu tem que ficar explicando para as pessoas nos mínimos detalhes as coisas e isto é irritante...

ENTÃO, VOCÊ ACHA QUE A SOCIEDADE POSSUI UMA VISÃO CORRETA SOBRE OS CASAMENTOS GAYS OU ELA ESTA TOMADA AINDA POR UM OLHAR HETERO?

Eu acho que não, acho que a sociedade, incluindo os gays assim tem uma visão do casamento homossexual procurando um papel pro homem e um papel de mulher e de homem dentro do relacionamento onde existem dois homens ou duas mulheres...e até eu acho que pode existir sei lá sabe também, acho que pode ter, e daí lá que o cara queira ser a mulher da relação né, ou que uma mulher queira ser o homem da relação...mas mesmo acho que quando isto ocorre ocorre de uma maneira mais sutil, é diferente, enfim, e boa parte da sociedade, pelo menos para a parte menos informada assim da sociedade, ou para as famílias que não tem um casal homossexual assim na família percebem de um modo errado, tem a impressão de que o casal gay vive como um casal de um homem e uma mulher, assim com papéis...

EU NUNCA ESQUEÇO QUANDO UMA TU FALOU QUE CONTOU PRA TUA MÃE QUE TU ERA GAY..

Aham, que ela perguntou se eu ia me maquiar...

QUE TU ÍA DESCER DE SALTO NA VILA...

Rssss... daí eu disse pra ela assim: não né!! Senão eu já ía estar fazendo isto...rss

OK, OBRIGADA ALEXANDRE!!

ENTREVISTA 4

BUENAS, INICIALMENTE EU IRIA FAZER A ENTREVISTA COM PESSOAS QUE FOSSEM CASADAS, MAS DAÍ EU RESOLVI ABRIR, PARA PEGAR RELACIONAMENTOS HOMOSSEXUAIS MASCULINOS EM GERAL.

QUAL É O SEU NOME?

Marco.

NAMORA, É CASADO OU POSSUI ALGUM RELACIONAMENTO?

Eu namoro a dois anos.

A QUANTO TEMPO ESTÃO JUNTOS ENTÃO, DOIS ANOS? E A QUANTO TEMPO SE CONHECEM?

Este é o tempo total já na verdade, desde o nosso conhecimento até o namoro firme. Isto demorou acho... pra gente começar a namorar demorou um mês, um mês e meio, por aí.

E COMO É QUE VOCÊS SE CONHECERAM?

Internet.

DISPONÍVEL.COM??

Não, pelo MANHUNT.hauhauhuaha

E O QUE É O MANHUNT.?

É um parecido com o disponível.uhauhauhahu

QUAL É A SUA IDADE E A DO SEU COMPANHEIRO?

Eu tenho 25 e ele tem 27. mas eu vou fazer 26 agora em setembro.

QUEM GANHA MAIS FINANCEIRAMENTE, VOCÊ OU ELE?

Eu!! Porque ele estuda para concursos, ele é sustentado pelos pais.

SÓ ESTUDA PARA CONCURSOS?

É.

E ELE É O QUE, QUAL A FORMAÇÃO DELE?

Ele é advogado.

E QUAL A RENDA DE CADA UM DE VOCÊS?

Eu não sei a dele, eu acho que a dele ta em torno de 1000, 1500, alguma coisa assim.

É O QUE ELE GANHA DE MESADA?

É, na verdade é que não é uma mesada fixa, na verdade é uma semanada, e fora a semanada o pai dele paga o condominio e a prestação do apartamento.

ENTÃO ELE GANHA UMA SEMANADA DE MIL??

Não. Ele ganha uma semanada acho que de 200. E, ele trabalha com alguma coisa como advogado para alguns órgãos, acho que pro SINPRO se não me engano, daí

ele ganha também com relação a estas causas, mas são poucas, ele pega poucos casos.

E POUCO DINHEIRO TAMBÉM?

É.

E VOCÊ?

A eu to ganhando uns 2.600 reais por ai.

OK. E QUAL É A SUA ESCOLARIDADE E QUAL A DELE.

Eu sou formado em biologia e em breve serei pós graduado. Ele como eu já disse, é formado em direito e acho que também é pós graduado em direito.

E COMO É A UNIÃO DO CASAL?

Como?

VOCÊS NÃO MORAM JUNTOS NÉ? SÓ NAMORAM. ENTÃO COMO VOCÊS FAZEM PARA SE RELACIONAR? VOCÊS SE VÊM DE VEZ EM QUANDO? NOS FINAIS DE SEMANA?

É a gente se vê de vez em quando, geralmente eu passo os finais de semana na casa dele. A gente se vê também depois da minha aula, muitas vezes eu vou para lá e durmo lá também. Outras vezes não durmo, mas eu saio mais cedo, saio da empresa mais cedo e daí passamos o resto do dia juntos.

E DEPOIS VC VOLTA PRA SUA CASA EM SAPUCAIA OU FICA POR LA?

Algumas vezes eu volto para sapucaia. Uma vez durante a semana e nos finais de semana eu durmo lá, tipo na quinta que eu não tenho aula, eu só passo lá com ele a noite e volto pra Sapucaia.

VOCÊS POSSUEM ALGUM BEM JUNTOS? CASA, APARTAMENTO?

Não.

E TRABALHAM FORA?

Eu sim, e ela algumas vezes.

POSSUEM CONTA CORRENTE JUNTOS?

Nãoooo...

E QUANDO VOCÊS ESTÃO JUNTOS, QUANDO VOCÊ ESTA NO APARTAMENTO DELE, QUE É UMA COISA QUE ACONTECE MAIS SEGUIDO POIS VOCÊ MORA COM OS PAIS, COMO É A DIVISÃO DAS TAREFAS EM CASA, TIPO LAVAR A LOUÇA, TIRAR O LIXO, LIMPAR A CASA.

Ele é que faz tudo ora!!! (gritando)...hauhauhauhauhauhua

ELE FAZ TUDO??HAUHAUHAU

Não, eu cozinho, eu gosto de cozinhar de vez em quando.

VOCÊ GOSTA DE COZINHAR, MAS NÃO É SEMPRE?

Não é sempre, e lavar a louça é algo que definitivamente eu não faço. Eu arrumo a cama muitas vezes.

ALGO MAIS QUE VOCÊ FAÇA?

A, algumas vezes ele esta arrumando a casa daí precisa de alguma ajuda pra limpar o chão, daí eu passo um paninho no chão ou coisa assim, é esporádico. rssss... Eu sou uma divaaa, coloca isto na entrevista!!!rssss

NA VIDA SEXUAL, O CASAL POSSUI PAPÉIS DEFINIDOS? OU SÓ ATIVO, OU SÓ PASSIVO?

Hummm... Não definidos, às vezes a gente troca, mas mais eu sou passivo do que ele.

MAS VOCÊ PREFERE OU É ELE QUE PREFERE SER MAIS ATIVO?

Não, é os dois, a gente prefere, às vezes da uma louca, a gente quer trocar assim, e daí muda, mas, eu acho que é uma preferência dos dois.

ELE ATIVO E VOCÊ PASSIVO?

É.

ENTÃO, SER PASSIVO, ATIVO OU VERSÁTIL É IMPORTANTE OU FUNDAMENTAL PARA VOCÊ EM UMA RELAÇÃO?

Fundamental não, pra mim a penetração não é fundamental em um ato sexual, eu prefiro o resto todo envolvido do que propriamente a penetração. Mas, não, não é fundamental, acho que eu me relacionaria bem com qualquer que fosse a.. Eu acho que esta fixação dos papéis em só ativo ou só passivo talvez me incomodasse, mas, eu acho que prefiro pessoas que sejam assim mais maleáveis, ainda que tendam a ser mais uma coisa do que outra. Mas, acho que só uma coisa ou outra eu enjoaria depois.

ENTÃO, QUANDO VOCÊ PROCURA ALGUÉM PARA SE RELACIONAR VOCÊ PROCURA POR ESTEREOTIPO? TIPO, ELE É MAIS FEMININO OU MAIS MASCULINO.

A sim, eu tenho uma questão de afinidade, eu tenho características que me desagradam nos homens, por exemplo: eu detesto fala mole, eu detesto excesso de delicadeza, este tipo de coisa. Eu gosto de alguém que eu saiba que vai me pegar e me jogar na parede.

NO CASO ASSIM, QUANDO VOCÊ TA NA INTERNET, TEM AQUELA COISA DE PROCURAR SÓ ATIVO OU PASSIVO OU ISTO TAMBÉM NÃO ROLA?

Não, isto eu não olho, isto eu vejo depois.

AS PESSOAS TE CHAMAM DE HOMEM DA CASA OU MULHER DA CASA?

Não. Rsss...como assim??

É, ISTO É MAIS PARA AQUELES CASAIS EM QUE O CARA FICA MAIS EM CASA...POR EXEMPLO TEM UM CASAL E AS VEZES O CARA TE DIZ A VOCÊ É O HOMEM DA CASA E O FULANO É A MULHER DA CASA, ISTO NÃO ROLA ENTÃO...

Não, não tem.

ENTÃO VOCÊ NÃO SE SENTE O HOMEM OU A MULHER DA CASA?

Não...rsss...

VOCÊ SENTE ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER GAY?

Em alguns momentos sim.

QUAIS?

Hum, acho que na empresa mesmo, apesar de as pessoas não saberem declaradamente, de muitas não saberem declaradamente que sou gay, acho que existe uma, não um evitar, mas sim um cuidado no conversar por parte de alguns homens, isto eu acho que existe.

UM CUIDADO DE CONVERSAR VOCÊ QUER DIZER, DO QUE FALAM PRA TI? OU DE NÃO CHEGAR MUITO PERTO?

O cuidado de não falar tanto, de não ser tão fluente. Não sei, talvez não seja uma percepção certa, mesmo porque todo mundo é meio bronco lá dentro, mas, as vezes eu sinto isto.

ELES EVITAM ENTÃO O CONTATO?

É, alguns poucos, mas eu já senti isto.

E COMO VOCÊ VÊ O COMPORTAMENTO DA SOCIEDADE EM RELAÇÃO AOS CASAIS GAYS?

Eu acho que o comportamento da sociedade, eu acho a sociedade meio estranha, eu não acho que a sociedade seja extremamente homofóbica, eu acho que a sociedade ela não tem conhecimento ainda do que exatamente é a homossexualidade, eu acho que falta, mesmo porque não existem ainda muitas pessoas que saiam as ruas pra dizer eu sou gay, isto não é algo que é tão naturalizado ainda quanto a heterossexualidade. Eu acho que as pessoas são, elas acham muitas vezes engraçado, eu acho que muitas vezes elas não são preconceituosas mas pelo fato de elas não conhecerem elas ficam meio receosas de conversar enfim... e ta muito atrelado a esta coisa da graça, de ser diferente, ser engraçado, é... quando não é com ninguém perto delas elas tem uma socialização muito mais fácil, quando é com alguém mais próximo que se diga gay elas vêem não com preconceito propriamente, mas elas veem com mais estranheza, surpresa, acho que é esta a palavra. Ficam surpresas e a primeira reação é a de não aceitação, mas isto eu encaro como sendo temporário pela maioria das pessoas.

VOCÊ ACHA QUE A SOCIEDADE POSSUI UMA VISÃO CORRETA SOBRE OS CASAMENTOS OU É UMA VISÃO TOMADA AINDA POR ALGUM OLHAR HETERO?

Eu não sei se é um olhar hetero, eu entendo que a sociedade tenha uma visão muito idealizada do que seja um casamento. Eu gosto de uma pessoa e vou casar com ela, perfeito, simplesmente gosto, não analiso se tenho idéias em conjunto, se eu tenho condições de sustentar esta relação em conjunto, se a relação tem chance de dar certo. Eu vejo muito, o casamento é uma relação econômica, um contrato econômico, duas pessoas que se gostam que decidem dividir uma vida juntos, compartilhar bens, compartilhar futuro, compartilhar idéias.

TA, MAS COM RELAÇÃO AOS CASAIS GAYS, COMO É QUE VOCÊ ACHA QUE É A VISÃO DAS PESSOAS COM RELAÇÃO A ESTES CASAIS?

Hum, eu acho que as pessoas sempre vão tentar enquadrar naquilo que é hegemônico, sempre vão tentar enquadrar um tendo a função mais historicamente masculina e outro tendo a função mais historicamente feminina, um querendo ir pra rua e o outro querendo ficar fora de casa, um trabalhando e o outro cuidando do lar. Eu acho que isto existe sim.

E VOCÊ JÁ SENTIU ISTO ALGUMA VEZ? POR PARTE DOS SEUS AMIGOS EM COMUM, TEU E DO NAMORADO? O FULANO FAZ ISTO, BELTRANO FAZ AQUI... OU TU ÉS MAIS FEMININO...VOCÊ NUNCA OUVIU NADA DISTO?

As vezes já escutei por alguns surtos de bichisse que eu tenho né, rsss, do tipo ai eu não vou dirigir, eu não sei dirigir, ou, eu não quero assim, não quero assado, não vou fazer isto, eu tenho nojo...rsss...isto sim, mas fora isto...E, eu escuto geralmente dos meus amigos mesmo, mas fora isto não.

QUEM É DE LONGE, OU NÃO É TÃO PRÓXIMO NÃO TEM ESTA INTIMIDADE.
É, exato...

OK... MUITO OBRIGADA MARCO!!!
As ordens... Quer um autógrafo??? rsss